



**CARLOS EDUARDO AMORIM**

**O ESTUDO DO TÓPICO DISCURSIVO E A  
MANIFESTAÇÃO DO RACISMO NAS TIRINHAS  
DO ARMANDINHO:  
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E  
SOCIEDADE PELA ABORDAGEM FUNCIONALISTA.**

**LAVRAS-MG  
2024**

**CARLOS EDUARDO AMORIM**

**O ESTUDO DO TÓPICO DISCURSIVO E A  
MANIFESTAÇÃO DO RACISMO NAS TIRINHAS  
DO ARMANDINHO:  
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E  
SOCIEDADE PELA ABORDAGEM FUNCIONALISTA.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Orientadora

**LAVRAS-MG  
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Amorim, Carlos Eduardo.

O Estudo do Tópico Discursivo e a Manifestação do Racismo nas Tirinhas do Armandinho: uma análise da relação entre linguagem e sociedade pela abordagem funcionalista. / Carlos Eduardo Amorim. - 2024.

90 p. : il.

Orientador(a): Mauriceia Silva de Paula Vieira.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2024.

Bibliografia.

1. Tópico discursivo. 2. Funcionalismo. 3. Racismo. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Título.

**CARLOS EDUARDO AMORIM**

**O ESTUDO DO TÓPICO DISCURSIVO E A MANIFESTAÇÃO DO RACISMO  
NAS TIRINHAS DO ARMANDINHO:  
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E  
SOCIEDADE PELA ABORDAGEM FUNCIONALISTA.**

**THE STUDY OF THE DISCURSIVE TOPIC AND THE MANIFESTATION OF  
RACISM IN THE ARMANDINHO STRIPS:  
AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND  
SOCIETY THROUGH THE FUNCTIONALIST APPROACH.**

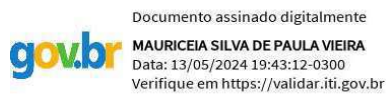
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 25 de março de 2024.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira –UFLA

Prof.<sup>a</sup> Dra. Patrícia Vasconcelos Almeida - UFLA

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Carolina de Laurentiis Brandão - UNEMAT



Prof.<sup>a</sup> Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Orientadora

**LAVRAS-MG  
2024**

*À minha esposa Giane e aos meus filhos, Ísis e Gael.  
A todos aqueles que sofreram ou sofrem algum tipo de racismo,  
discriminação ou preconceito racial.  
Dedico*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ainda me conceder a oportunidade de estudar e alcançar mais um objetivo na minha vida.

À Universidade Federal de Lavras (UFLA), em especial, à FAELCH, que, por meio do Programa de Pós-graduação em Letras, propiciaram a minha participação no Curso de Mestrado e a ampliação dos meus conhecimentos.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Letras, da UFLA, por compartilharem saberes e demonstrarem comprometimento na missão de ensinar.

Em especial, à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira, pelas valiosas orientações, pelos direcionamentos e incentivos, pela transmissão de conhecimentos e por compartilhar sua experiência, com extremo profissionalismo e competência ímpar, servindo de inspiração para a continuidade da minha vida profissional.

Às professoras participantes da banca examinadora, por aceitarem o convite e por contribuírem com este trabalho, de forma enriquecedora, com suas importantes considerações.

Ao quadrinista e ilustrador Alexandre Beck, autor das *Tirinhas do Armandinho*, por conceder os direitos de uso das tirinhas para o *corpus* que constitui este trabalho e por criar personagens como o Camilo, que nos incentivam a refletir sobre as ações de discriminação e preconceito que existem na sociedade, nos levando a lutar contra as desigualdades sociais.

À minha mãe, Maria Ramos, pelos exemplos de vida, pessoal e profissional, e por servir como inspiração nos caminhos da educação.

E, por fim, à minha esposa Giane, por sonhar, criar e desenvolver projetos de forma conjunta, e aos meus filhos Ísis e Gael, pelos ensinamentos e aprendizados diários e pela compreensão pelas ausências.

Muito obrigado!



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com>

## RESUMO

O presente trabalho desenvolve um estudo acerca do tópico discursivo, presente no gênero textual tirinha, adotando uma abordagem qualitativa e descritiva na análise dos dados. O objetivo geral é descrever as estratégias utilizadas para a construção dos tópicos discursivos nas tirinhas do *Armandinho*, a partir dos pressupostos teóricos funcionalistas. Como objetivos específicos, o trabalho pretende: (i) compreender a noção de tópico discursivo; (ii) categorizar os tópicos discursivos presentes no corpus analisado e (iii) analisar como se manifesta o racismo, pela abordagem funcionalista, tomando o personagem Camilo como motivador do discurso sobre temas ligados à raça. Para o referencial teórico, pautamo-nos em autores como Halliday (1964), Dik (1989), Cunha (2011), Koch (2001, 2006, 2009), Jubran (1991, 1992, 2006, 2007), Marcuschi (1996, 2006, 2008), Bortolo (2002), Ramos (2007, 2009, 2011, 2013), Lins (2008), Almeida (2021), entre outros. A escolha do *corpus* se justifica pelo fato de o gênero tirinha apresentar narrativas acessíveis, de fácil leitura, que apresentam, em sua maioria, desfechos cômicos e provocativos e, principalmente, por serem dotados de críticas sociais. Considerando que o tópico discursivo estabelece o foco informacional do texto e ocupa posição privilegiada na organização discursiva, buscamos demonstrar como se apresenta a organização tópica nas tirinhas selecionadas. A partir do estudo e das análises empreendidas, foi possível observar que a identificação do tópico discursivo nas tirinhas e a análise da relação entre linguagem e sociedade nesse gênero ocorrem não somente na análise da semiose verbal, mas também, no conjunto de semioses que constituem tal gênero textual. Além disso, na organização tópica, são utilizadas estratégias como a repetição, a paráfrase e a inferenciação, entre outras, que garantem a centração tópica, a progressão e a unidade do texto. Diante do estudo do tópico discursivo, presente nas tirinhas, confirmou-se a possibilidade de estudar a linguagem como um instrumento de interação social, buscando despertar no leitor a necessidade de reflexão sobre temas ligados à raça, além de problemas preconceituais e discriminatórios, relacionados ao racismo. O presente trabalho demonstrou que, a análise do gênero tirinhas, em uma abordagem funcionalista, apresenta estreita relação com as questões sociais, o que permitiu que, ao estudarmos o tópico discursivo, abordássemos temas sociopolítico-culturais, evidenciando que a organização tópica está relacionada aos conhecimentos linguísticos e extralinguísticos do leitor.

**Palavras-chave:** Funcionalismo; tópico discursivo; tirinhas; racismo.

## ABSTRACT

The present work develops a study on the discursive topic, present in the comic strip textual genre, adopting a qualitative and descriptive approach to data analysis. The general objective is to describe the strategies used to construct the discursive topics in the Armandinho strips, based on functionalist theoretical assumptions. As specific objectives, the work aims to: (i) understand the notion of discursive topic; (ii) categorize the discursive topics present in the analyzed corpus and (iii) analyze how racism manifests itself, using the functionalist approach, taking the character Camilo as a motivator of discourse on topics linked to race. For the theoretical framework, we are guided by authors such as Halliday (1964), Dik (1989), Cunha (2011), Koch (2001, 2006, 2009), Jubran (1991, 1992, 2006, 2007), Marcuschi (1996, 2006, 2008), Bortolo (2002), Ramos (2007, 2009, 2011, 2013), Lins (2008), Almeida (2021), among others. The choice of corpus is justified by the fact that the comic strip genre presents accessible, easy-to-read narratives, which mostly present comical and provocative endings and, mainly, because they are endowed with social criticism. Considering that the discursive topic establishes the informational focus of the text and occupies a privileged position in the discursive organization, we seek to demonstrate how the topical organization is presented in the selected strips. From the study and analyzes undertaken, it was possible to observe that the identification of the discursive topic in the strips and the analysis of the relationship between language and society in this genre occur not only in the analysis of verbal semiosis, but also in the set of semiosis that constitute such textual genre. Furthermore, in topical organization, strategies such as repetition, paraphrase and inference, among others, are used, which guarantee topical centering, progression and unity of the text. In view of the study of the discursive topic, present in the strips, the possibility of studying language as an instrument of social interaction was confirmed, seeking to awaken in the reader the need for reflection on themes linked to race, in addition to prejudiced and discriminatory problems, related to racism. The present work demonstrated that the analysis of the comic strip genre, in a functionalist approach, has a close relationship with social issues, which allowed us, when studying the discursive topic, to address socio-political-cultural themes, showing that the topical organization is related to linguistic and extralinguistic knowledge of the reader.

**Keywords:** Functionalism; discursive topic; comic strips; racism.

## **INDICADORES DE IMPACTO**

Este trabalho procura, além de contribuir com a qualidade na educação por meio de estudos no campo linguístico e multissemiótico, reforçar a relação existente entre a linguagem e a sociedade, ao abordar temas atuais e de profunda relevância, como o racismo, a discriminação e o preconceito racial. O trabalho busca despertar a reflexão sobre a aplicação da política nacional de educação para as relações étnico-raciais, por se tratar de um conjunto de práticas e conceitos que pretende formar, no âmbito das instituições de ensino público e particular, uma cultura de convivência respeitosa, solidária e humana entre públicos de diferentes pertencimentos étnico-raciais presentes no Brasil e que se encontram em diferentes espaços coletivos de aprendizagem, atingindo, assim, um público externo à comunidade universitária, uma das principais qualidades de um trabalho acadêmico. A abordagem e o incentivo à reflexão sobre temas ligados à raça negra alcança as áreas temáticas da Educação e dos Direitos Humanos, ao proporcionar a profunda reflexão sobre as diferentes formas de preconceito racial presentes e enraizadas na sociedade, mostrando-se estar alinhados com os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) da ONU, visando, por meio de uma educação de qualidade, reduzir as desigualdades sociais, ao enfrentar as diversas faces do racismo e da discriminação racial.

## **IMPACT INDICATORS**

This work seeks, in addition to contributing to quality in education through studies in the linguistic and multisemiotic field, to reinforce the relationship between language and society, by addressing current and deeply relevant themes, such as racism, discrimination and racial prejudice. The work seeks to spark reflection on the application of the national education policy to ethnic-racial relations, as it is a set of practices and concepts that aims to form, within the scope of public and private education institutions, a culture of respectful coexistence, solidarity and humanity between audiences of different ethnic-racial belongings present in Brazil and who are in different collective learning spaces, thus reaching an audience outside the university community, one of the main qualities of academic work. The approach and encouragement of reflection on themes linked to the black race reaches the thematic areas of Education and Human Rights, by providing in-depth reflection on the different forms of racial prejudice present and rooted in society, proving to be aligned with the objectives of sustainable development (SDGs) of the UN, aiming, through quality education, to reduce social inequalities, by confronting the different faces of racism and racial discrimination.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa segura.....	28
Figura 1 - Casa segura (reapresentada).....	30
Figura 2 - A terceirização.....	31
Figura 3 - O poder da leitura.....	32
Figura 4 - Mimimi.....	44
Figura 5 - Disfarçado de humor.....	48
Figura 6 - Chapéu novo.....	49
Figura 7 - Câmara de vereadores.....	50
Figura 8 - A carona.....	58
Figura 9 - O vício.....	58
Figura 10 - Nota fiscal.....	60
Figura 2 - A terceirização (reapresentada).....	65
Figura 7 - Câmara de vereadores (reapresentada).....	70
Figura 11 - Na praia.....	76

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Aspectos analisados na tirinha 10.....	63
QUADRO 2 - Aspectos analisados na tirinha 2.....	68
QUADRO 3 - Aspectos analisados na tirinha 7.....	73
QUADRO 4 - Aspectos analisados na tirinha 11.....	78
QUADRO 5 - Aspectos gerais analisados no corpus.....	80

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

GDV	Gramática do Design Visual
GF	Gramática Funcional
LSF	Linguística Sistêmico Funcional
PGPF	Projeto de Gramática do Português Falado
SS	Semiótica Social
Subtop	Subtópico
TD	Tópico Dado
TM	Teoria da Multimodalidade
TN	Tópico Novo
TR	Tópico Retomado

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>O TÓPICO NOS ESTUDOS FUNCIONALISTAS</b>	<b>22</b>
2.1	O funcionalismo e os estudos sobre a língua e a linguagem	22
2.2	O Tópico discursivo	26
<b>3</b>	<b>O GÊNERO TIRINHA</b>	<b>35</b>
3.1	Compreendendo a noção de gênero textual e de texto	35
3.2	O texto em quadrinhos - uma visão geral	40
3.3	O gênero tirinha: do efeito humorístico à crítica social	43
3.4	A temática social ligada à raça negra	45
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>51</b>
4.1	Procedimentos e categorias de análise	51
4.2	Descrição do processo de escolha e definição do corpus	52
4.3	O caráter da pesquisa	53
4.4	Descrição do corpus	54
4.5	A motivação para a pesquisa	55
4.6	Análise dos aspectos	56
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DE CORPUS E RESULTADOS</b>	<b>60</b>
5.1	A análise da figura 10: “Nota fiscal”	60
5.2	Análise da figura 2 (reapresentada no texto): “A terceirização”	65
5.3	Análise da figura 7 (reapresentada no texto): “Câmara de vereadores”	70
5.4	Análise da figura 11: “Na praia”	76
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>83</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As noções de tópico discursivo começaram a despontar nas pesquisas realizadas pelo Grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), que apresentou, no seu segundo estudo, intitulado “Organização tópica da conversação” (Jubran, Urbano *et al.*, 1992), a ideia de que era possível postular uma unidade discursiva, cujas particularidades estivessem assentadas na integração de enunciados em um conjunto relevante de referentes e cujos limites fossem dados pela proeminência desse conjunto, em determinado ponto do texto. A partir daí, a noção de tópico discursivo pode ser entendida como uma categoria analítica abstrata, com a qual o analista opera para recortar segmentos textuais e para descrever a organização tópica de um texto.

Podemos conceituar, pois, o tópico discursivo como um elemento decisivo na constituição de um texto, sendo a organização discursiva conduzida pela sua estrutura. Para Jubran (2006), a proposição do princípio da centração auxilia na identificação do tópico, uma vez que todos os segmentos de um texto convergem em direção ao tópico discursivo. De acordo com a autora, a noção de tópico não só é definida pelo processo de “interação centrada” no estabelecimento do intercâmbio verbal, mas, também, pelo movimento dinâmico da estrutura conversacional. Dessa forma, segundo Jubran (2002), o tópico discursivo decorreria de um processo no qual os participantes inteirados na construção conversacional seriam por ele envolvidos. A conversação estaria assentada em fatores contextuais complexos, tais como, as circunstâncias em que o intercâmbio verbal ocorre, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos que são compartilhados entre eles, o conjunto de antecedentes de uma determinada situação de fala, bem como sua visão de mundo e suas pressuposições.

Além dos estudos realizados pelo Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), que abordaram o tópico discursivo, outros trabalhos foram realizados e contribuíram para as pesquisas sobre essa temática. No entanto, os estudos sobre o tópico discursivo eram feitos, anteriormente, focalizando apenas o texto oral. Alguns autores empenharam-se em pesquisas para que a noção de tópico despontasse como teoria capaz de permitir que outras modalidades textuais fossem analisadas. Assim, Koch *et al.* (1996, 2007), Jubran (2002, 2006) e Lins (2006), de forma gradativa, proporcionaram novos campos de aplicação no âmbito dessa noção teórica. Nessa linha, essas autoras mostraram que a teoria que aborda ‘algo sobre o que se fala’ não é restrita somente aos gêneros textuais orais e adaptaram a teoria também para a análise de textos escritos e para os textos multimodais, como charges diárias e tiras diárias de quadrinhos. Como exemplo, Lins (2006), apresenta em seus trabalhos, a noção da organização do tópico

discursivo em relação a texto produzido a partir da escrita e da imagem. A autora busca definir a linguagem usada nesse gênero para, em seguida, estudar as inserções e as mudanças de assuntos e, conseqüentemente, as continuidades e as descontinuidades, temporais ou temáticas, que perpassam na sua organização tópica. O estudo do tópico discursivo por Lins, procura sempre aproximar o texto informal e fragmentado ao texto falado, ou seja, apresenta como ponto de partida para o estudo, modelos utilizados para estudar textos falados. Podemos citar ainda os estudos de Pinheiro (2012), que procuram discutir a relação entre objeto de discurso e tópico discursivo, dentro do contexto mais amplo da relação entre processos de referenciação e progressão tópica.

Assim, diante da existente, porém diminuta, quantidade de pesquisas já realizadas, que buscam estudar como ocorre a construção do tópico discursivo no gênero tirinhas, este trabalho procura contribuir para os estudos acadêmicos, visando preencher essa lacuna. Mesmo ciente de que não se trata de um trabalho precursor, uma vez que o assunto tópico discursivo está cada vez mais presente nas pesquisas acadêmicas, a maioria das pesquisas já feitas sobre este tema foram realizadas, tendo como base textual, textos orais ou textos multimodais, diferentes do gênero tirinhas. Dessa forma, destacamos a importância de abordarmos esse assunto e entendemos que a natureza deste estudo possa contribuir e aprofundar pesquisas futuras, sem nenhuma pretensão de exaustividade, sobre a construção do tópico discursivo no gênero tirinhas.

Mantendo o grau de importância, de modo geral, o tópico discursivo pode ser considerado como o “tema” de que trata o texto ou como o elemento presente no discurso que se comporta como a principal referência e ou ponto de apoio para que o leitor construa sentido para o texto. O tópico é capaz de manter a coerência da narrativa, mantendo o leitor inserido no assunto ou no tema proposto pelo autor, ao longo do discurso. Ele é capaz ainda de manter a continuidade da narrativa, permitindo a progressão temática, sem que haja rupturas ou interrupções bruscas entre um quadrinho e outro, que possam dificultar o entendimento da tirinha. Assim, o tópico é, portanto, um organizador do discurso capaz de promover a manutenção da unidade de sentido. Em torno do tópico “giram” as demais unidades do texto, de forma a se relacionarem com o tópico central. Nessa relação que se dá entre o tópico central e as demais unidades textuais, o tópico discursivo é, no discurso, construído, mantido, ampliado ou mesmo rompido, porém, sempre procurando preservar sua função de manutenção de sentido do discurso.

Além de centrado, o tópico é capaz de manter o texto organizado estruturalmente, buscando distribuir os assuntos de forma hierárquica e sequencial. Quando distribuídos

hierarquicamente, as seqüências em que ocorrem os textos desdobram-se em supertópicos e subtópicos, fato que origina quadros tópicos caracterizados pela centração de um tópico mais abrangente e ocorrendo, possivelmente, uma divisão interna em subtópicos (subdivisões). Já, quando distribuídos de forma sequencial, os tópicos podem apresentar-se de forma contínua ou descontínua. Dessa forma, a continuidade ocorre na relação adjacente entre dois tópicos, havendo a abertura de um tópico subsequente somente se o tópico anterior for esgotado. Da mesma maneira, a descontinuidade se dá quando ocorre uma perturbação da seqüência linear ou quando ocorre a suspensão definitiva de um tópico.

Nesse viés, buscando resumir o conceito de tópico discursivo, este se caracteriza como uma “ferramenta” capaz de manter o sentido do discurso que se pretende desenvolver, direcionando o leitor para um assunto/tema central, que é, ao longo da narrativa, mantido organizado, estrutural e sequencialmente, de forma a preservar a coerência do discurso apresentado. O tópico pode ser representado, pois, como uma linha que transpassa o texto como um todo, mantendo sua estrutura e permitindo que o tema principal, apresentado no discurso, não seja dispersado durante a leitura.

Entendemos que o tema ‘tópico’ é aplicável à análise de textos de diferentes gêneros, tanto os falados quanto os escritos, uma vez que a topicalidade é um processo constitutivo do texto. Nessa esteira, o estudo do tópico discursivo, outrora feito com foco apenas nos textos orais, avançou de forma gradativa, atingindo novos campos de aplicação, como a análise de textos predominantemente escritos e a análise de textos multimodais - que associam imagem e escrita. A partir desse entendimento, houve uma ampliação do universo de gêneros textuais nos quais poderiam ser aplicados os estudos sobre tópico.

Além disso, o estudo sobre o tópico discursivo alinha-se aos estudos sobre o fenômeno da referenciação, uma vez que a introdução dos objetos de discurso – entendidos como os elementos de referenciação - pode indiciar o tópico que está sendo apresentado. Na construção textual-discursiva, o sentido da referência, considerando a língua como uma atividade social e cognitiva, é dado como uma atividade por meio da qual os sujeitos falantes representam suas apreensões e interpretações do mundo que os cerca na interação verbal. Referenciação envolve interação, e, conseqüentemente, intenção. Assim, na ação de referir, estão incluídas demandas situacionais e socioculturais capazes de nortear as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas de expressões referidoras.

Para compreender a referenciação é importante entender o discurso como uma entidade representacional de natureza social e cognitiva. Nessa linha, Dik (1997) aponta dois modos de referenciação textual: o construtivo e o identificador. No construtivo, o falante usa um termo

para que o ouvinte construa um referente para esse termo e introduza esse referente em seu modelo mental. Já no modo identificador, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que, de algum modo, já esteja disponível, pois há uma fonte para a identificação. Assim, o conceito de progressão referencial é fundamental para o estudo da referenciação. A introdução de novos referentes, sua manutenção ou sua retomada, associados ao fluxo de informação, são responsáveis pela progressão ou manutenção do tópico discursivo. Pois afinal, segundo Dik (1997), todo discurso trata de um determinado assunto – tópico discursivo – que será mantido ou retomado por meio da referenciação.

A partir desses entendimentos, levantamos a seguinte questão: como são construídos os tópicos discursivos nas tirinhas do Armandinho?

O presente trabalho pretende, como objetivo geral, descrever as estratégias utilizadas para a construção dos tópicos discursivos nas tirinhas do *Armandinho*, a partir dos pressupostos teóricos funcionalistas. Como objetivos específicos, o trabalho pretende: (i) compreender a noção de tópico discursivo; (ii) categorizar os tópicos discursivos presentes no corpus analisado e (iii) analisar como se manifesta o racismo, pela abordagem funcionalista, tomando o personagem Camilo como motivador do discurso sobre temas ligados à raça.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa exploratória, cuja análise de dados privilegia uma abordagem qualitativa, ao selecionar 4 tiras, do conteúdo “Tirinhas do Armandinho”, publicadas desde o ano de 2009, que estão disponibilizadas ao público em diferentes canais, como *blogs* e sites abertos, usando como critério de escolha, tirinhas nas quais estivesse presente o personagem Camilo. A importância da escolha das tirinhas, nas quais está evidenciado esse personagem, se justifica, por ser ele a representação de uma criança negra, de classe econômica baixa e que convive com vários problemas sociais, principalmente, com questões relacionadas à ideia de raça – a saber: racismo, preconceito racial e discriminação racial - que, embora sejam conceitos diferentes, têm uma estreita relação entre si.

A escolha pelo gênero tirinha justifica-se pela importância para os estudos linguísticos, não somente por se constituir, em sua maioria, como textos cômicos, agradáveis, de fácil e rápida leitura e ainda facilmente encontrados no cotidiano, mas, principalmente, por ser constituído por diferentes semioses (escrita, cores, linhas cinéticas, expressões faciais, onomatopeias, etc.) que se integram, a fim de que o leitor possa construir sentido. Além disso, as tirinhas propiciam diferentes reflexões acerca de temas sociais, políticos e culturais, que vão além do entretenimento. Para esta pesquisa, selecionamos tirinhas que tratam sobre racismo, preconceito racial e discriminação racial, por entendermos que é necessário manter viva a discussão e a reflexão sobre esse problema, que ainda se faz muito presente na sociedade.

Tomando como combustível principal para inflamar essas reflexões, poderíamos lembrar que a história do povo negro, no Brasil, foi escrita com páginas e mais páginas de opressão sofrida pela comunidade negra, desde o Período Colonial até os dias atuais. Essa história passa por todo o período escravocrata e pela falsa libertação que foi oferecida aos escravos negros, mas que, no entanto, não permitiu que a comunidade negra tivesse possibilidades de viver como um povo realmente livre. Lembramos também todo o período de tentativas de autoafirmação por parte dos negros, que perdura até os dias atuais, nos quais o indivíduo negro precisa conviver com constantes desconfianças, com quadros de desigualdades sociais e econômicas, com oportunidades reduzidas, com preconceitos, com discriminações e vendo seus direitos serem desrespeitados. Não podemos deixar de mencionar que os negros viveram e vivem num sistema no qual o racismo ocorre de forma estrutural, ou seja, vivem em uma estrutura social em que o racismo é considerado “normal”, numa estrutura em que o negro sabe, desde cedo, que a posição que se espera dele é a de subalternidade, vivem num sistema em que a imposição de regras e padrões racistas por parte de instituições, mesmo que de forma velada, é fortemente vinculada à ordem social a qual a sociedade visa resguardar.

Todos esses assuntos relacionados à raça, que nunca deixaram de existir, ganharam maior evidência nas mídias e redes sociais, devido aos recentes casos de intolerância que ocorreram ao redor do mundo, por causa da cor da pele de um indivíduo. Casos que se tornaram marcos na luta contra o racismo, como a morte do afro-americano, George Floyd, nos Estados Unidos, que foi asfixiado por um policial branco depois de ter sido acusado de usar uma cédula falsa em uma loja de conveniência, tendo hoje seu nome associado à luta antirracista e contra a violência policial em todo o mundo, ou ainda, o caso do brasileiro João Alberto Silveira Freitas, que foi morto por seguranças de um supermercado no Rio Grande do Sul, após um desentendimento entre ele e alguns funcionários do estabelecimento, ainda ecoam, causando comoção e reações diversas em toda a sociedade.

Esses exemplos servem para reconhecer que questões sociais ligadas ao desrespeito à diversidade racial, principalmente contra indivíduos negros, são constantes, confirmando que a prática do racismo existe. E, se evidenciamos que atos racistas são corriqueiros na sociedade, percebemos que a sociedade convive com esses atos como se normais fossem. Essa “normalidade” enraizada na sociedade como um todo, acaba transparecendo nos mais diversos setores. Fato é que questões discriminatórias e atos preconceituosos são comuns em todos os ambientes de convívio social, inclusive nos ambientes ligados à educação, como universidades, faculdades e escolas. Por outro lado, as tirinhas, ao abordarem tais questões, possibilitam que seja realizada uma discussão sobre o tema e uma reflexão sobre os diferentes recursos

semióticos que contribuem para a construção temática.

Além disso, há uma motivação pessoal para abordar esse tema: o fato de ser um indivíduo negro, que possui todas as credenciais para falar sobre racismo, discriminação racial e preconceito racial, já que, por muitas vezes, senti e/ou presenciei casos de intolerância e desrespeito, sob diversos formatos e em diferentes episódios. Tenho, no entanto, a clareza de enxergar que as manifestações de racismo, que já foram a mim dirigidas, são inúmeras vezes mais brandas do que aquelas manifestações que muitos negros sofreram e sofrem diariamente. Isto se deve a vários fatores, entre eles, o fato de eu ter crescido num ambiente mais diversificado racialmente, o que favoreceu a aceitação das diferenças. O fato de eu ter sido criado em uma família de classe média, que certamente não sofre as mesmas dificuldades de uma família de classe baixa. O fato de eu ter estudado nas melhores escolas, tendo orgulho de dizer que toda minha formação ocorreu em escolas públicas, o que permitiu, entre outras coisas, desenvolver o senso crítico, suficiente para entender as diferenças existentes na sociedade e despertar em mim o sentimento de orgulho por ser negro.

Por tudo isso, acreditamos que os resultados advindos desta pesquisa poderão contribuir com os estudos linguísticos em uma perspectiva funcionalista, por procurar descrever e categorizar o tópico discursivo em textos multimodais. Além disso, ao analisar o gênero tirinha, entendemos que poderá contribuir para as pesquisas em Linguística Aplicada, no campo de produção de materiais didáticos, uma vez que a temática racismo pode ser abordada de forma interdisciplinar e servirá como ponto de partida para discussões promovidas nas escolas e centros de ensino, buscando conhecer, entender, enxergar e, quem sabe, reduzir as diversas manifestações discriminatórias e preconceituosas, relacionadas à raça negra, presentes na sociedade.

Por essa razão, ao selecionar o *corpus* de estudo deste trabalho, procuramos escolher no gênero tirinhas, dentre as inúmeras publicações das *Tirinhas do Armandinho*, aquelas em que o tema ‘racismo’ estivesse de alguma forma presente. O fato de associarmos as questões raciais ao estudo do tópico discursivo nesse gênero, além de ser uma forma de conceber a linguagem como instrumento de interação social, procura manter viva a discussão sobre racismo, apresentando esse tema social como um grave problema a ser combatido. Entendemos assim, a importância de os trabalhos acadêmicos abordarem os assuntos sobre racismo, sempre que for conveniente, para que possíveis práticas racistas, tidas como “normais”, não sejam facilmente reproduzidas na sociedade.

O estudo do tópico discursivo realizado com base nas teorias funcionalistas, associado à temática social, representada nas tirinhas ora selecionadas, não remete este trabalho a uma

linha de análise do discurso, uma vez que as questões sociais presentes nas tirinhas e evidenciadas na análise realizada, mostram que a língua sofre pressões sociais constantes, sendo, por essas pressões, fortemente envolvida. Dessa forma, neste trabalho, uma análise do *corpus*, realizada somente pelo viés linguístico, não seria suficiente para apontar a carga de importância social que está enraizada nesse gênero. Nesse viés, a teoria funcionalista mostra ser capaz de unir e analisar conjunta e harmonicamente as duas questões: linguística e social.

As análises iniciais do *corpus* indicam que a leitura das tirinhas inclui a situação de produção e de interpretação do texto, podendo esta última variar de acordo com o conhecimento de mundo do interlocutor e/ou variar de acordo com a situação político-social vivida por ele. Desta forma, ao descrever o tópico discursivo, deve-se considerar as inferências e os elementos não linguísticos, uma vez que as inferências se caracterizam por integrar todo o repertório sociocultural acumulado pelo leitor com a informação apresentada no texto, enquanto os elementos não linguísticos, presentes nas tirinhas, são capazes de propiciar um melhor entendimento da mensagem transmitida por esse gênero, que ocorre por meio de diferentes semioses.

O estudo assume, a partir desse posicionamento, uma abordagem funcionalista, preocupando-se em analisar a estreita relação entre língua e questões sociais. Essa abordagem ocorre por ser o funcionalismo uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, concebe a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade.

Este trabalho está disposto na seguinte organização: além desta introdução, apresenta o referencial teórico em dois capítulos: ‘O tópico nos estudos funcionalistas’, que discorre sobre o funcionalismo e sobre a noção de tópico discursivo; ‘O gênero tirinha’, que apresenta uma discussão sobre a noção de gênero textual e de texto, sobre o texto em quadrinhos, sobre o gênero tirinha e sobre temáticas sociais ligadas à raça negra, como o racismo, o preconceito e a discriminação racial. A metodologia é apresentada no capítulo ‘Procedimentos metodológicos’ e, por fim, são apresentadas as Análises e as Considerações Finais.

Assim, acreditamos que este trabalho possa demonstrar como categorizar o tópico discursivo em textos multissemióticos, como as tirinhas, indicando o quanto o tópico é importante para a manutenção da unidade temática e da progressão textual, por meio de análises baseadas nas teorias funcionalistas. Esperamos poder contribuir para a ampliação de pesquisas sobre tópico, nesse gênero textual e também que estudos sobre esse tema sejam cada vez mais usados nas salas de aulas. Acreditamos, também, que este estudo possa reforçar a relação existente entre linguagem e sociedade, principalmente ao abordar temas atuais e de profunda

relevância, como o racismo, a discriminação e o preconceito racial. Dessa forma, esperamos que reflexões desta categoria estejam cada vez mais constantes e presentes, seja em trabalhos desenvolvidos em programas de pós-graduações, nos cursos de graduações ou, até mesmo, nas instituições de ensino médio, visando despertar nos corpos docentes e discentes destes centros de ensino, uma visão realista e provocando a adoção de uma postura participativa no enfrentamento às diversas faces do racismo e da discriminação racial.

## 2 O TÓPICO NOS ESTUDOS FUNCIONALISTAS

### Introdução

Este capítulo apresenta uma discussão sobre o funcionalismo na linguagem e sobre o tópico discursivo. Procuramos mostrar como se iniciaram os estudos sobre o tópico discursivo e como ele foi considerado como um elemento decisivo na constituição textual, sendo a organização discursiva conduzida pela sua estrutura. O capítulo aponta ainda a importância do polo funcionalista para este trabalho, por meio dos estudos do funcionalista britânico, Michael K. Halliday e do linguista holandês, Simon Dik. O tema tópico mostra ter estreita relação com os assuntos que são tratados no texto e se relaciona com o plano global dele, ou seja, relaciona-se com a inserção de um novo assunto no discurso ou com a forma como o tópico é inserido. Este capítulo apresenta também três processos, a inferenciação, a categorização e a referenciação, que são considerados como básicos na construção do discurso, sendo capazes de permitir a reflexão e a análise do pensamento da própria linguagem.

### 2.1 O funcionalismo e os estudos sobre a língua e a linguagem

O surgimento da linguística moderna é identificado com o aparecimento da obra de Saussure<sup>1</sup>, em 1916 – *Cours de linguistique générale* – sendo a evolução da linguística no século XX, caracterizada por três noções básicas: sistema, estrutura e função.

Deve-se a Saussure a noção de sistema, na visão de língua como sistema, prevendo uma prioridade do todo em relação aos elementos que o compõem. O termo sistema foi mais tarde substituído pelo termo estrutura, pois, aceita a visão de que a língua constitui um sistema, cumpre analisar-lhe a estrutura. Essa tendência se desenvolveu na linguística a partir da publicação do *Cours de linguistique générale*, sendo evidenciado primeiramente nos

---

<sup>1</sup> Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista e filólogo suíço, é considerado o fundador da linguística estrutural. Seus principais trabalhos são nas áreas de linguística histórica, especificamente nos estudos doindo-europeu. Entre suas principais contribuições, destacam-se sua teoria do signo e os princípios da linguística, da semiologia e da semiótica modernas. A partir das famosas dicotomias saussureanas: línguae fala, sintagma e paradigma, sincronia e diacronia e significante e significado, há o surgimento de duas grandes correntes – o formalismo e o funcionalismo. Para caracterizar a corrente formalista, discorre-se sobre o Estruturalismo saussureano e o Gerativismo. Para a corrente funcionalista, colocam-se como representativos a Pragmática, a Linguística Textual, a Sociolinguística, a Análise do Discurso e a Semiótica greimasiana.

trabalhos do Círculo Linguístico de Praga<sup>2</sup>, a partir de 1928. O então estruturalismo foi adquirindo novos adeptos, sendo a linguística estrutural definida por Benveniste (1976), como um conjunto de pesquisas que se apoiam numa hipótese, sendo, para o autor, legítimo, sob um ponto de vista científico, descrever a linguagem como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas, ou seja, uma estrutura. O Círculo Linguístico de Praga sofreu, além da influência de Saussure, a influência do filósofo Husserl e, principalmente, da teoria da Gestalt, através do contato frequente com Karl Bühler, psicólogo alemão. Bühler via a função como um elemento essencial à linguagem e deu à linguística de Praga uma feição diferente das demais escolas estruturalistas europeias, tornando-se o “avalista filosófico do aspecto funcionalista do estruturalismo praguense” (Fontaine, 1978). A ideia da função como elemento essencial à linguagem não pode ser atribuída a Saussure, pois o linguista, que propôs a distinção entre *langue* e *parole*, fazendo da primeira o objeto de estudo da linguística, manteve de fora de seus estudos os aspectos relacionados à função.

Os teóricos de Praga utilizaram a noção de função em dois sentidos. Em um deles, focaram a relação do elemento com o sistema linguístico como um todo. A noção de função como relação prevê a relação de um elemento estrutural com ou dentro de uma unidade estrutural maior. Em outro sentido, que se tornou a marca do funcionalismo dos linguistas de Praga, o que caracterizou suas análises foi a adoção de uma noção teleológica de função, pois a língua devia ser entendida como um sistema funcional, no sentido de ser utilizada para um determinado fim.

Concluimos, portanto, que o estruturalismo não foi um movimento unificado, apresentando aspectos distintos de acordo com diferentes autores. A linguística estrutural variava também, segundo a ênfase que era dada para a significância da função, dividindo-se em dois grandes polos: o polo formalista, que se caracterizava pela tendência de analisar a língua como objeto autônomo, ficando sua função num plano secundário e o polo funcionalista, no qual a função que a forma linguística desempenha nas situações comunicativas teria papel predominante.

Seguindo o polo funcionalista, o Funcionalismo, conforme definido por Cunha

---

<sup>2</sup> O Círculo de Praga, hoje chamado de Escola de Praga (ou estruturalismo tcheco), corresponde a um movimento que congregou intelectuais de diferentes áreas e nacionalidades na capital tcheca, entre 1929 e 1945. Os primeiros estudos desenvolvidos concentraram-se em questões linguísticas, porém, muitos outros campos do conhecimento entraram no rol de interesse dos participantes, como a estética, folclore, teoria literária e sociologia. O movimento apresentou um novo paradigma de conhecimento nas humanidades e nas ciências sociais, desempenhando um papel alternativo ao pensamento positivista.

(2011), é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. A autora ainda aponta que a abordagem funcionalista apresenta, além de propostas teóricas distintas acerca da natureza geral da linguagem, diferentes concepções relacionadas aos objetivos da análise linguística, aos métodos utilizados por ela e também ao tipo de dados utilizados como evidência experienciada. Para a autora, a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, buscando analisar as condições discursivas em que esse uso ocorre. São relacionados e interdependentes os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática. Além da descrição sintática, as circunstâncias discursivas, que envolvem as estruturas da língua e seus contextos de uso, merecem ser investigadas.

De acordo com o funcionalismo, a estrutura gramatical tem relação direta com o uso que se faz da língua. Em outras palavras, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Assim, percebemos que os usos da língua, ao longo dos tempos, é que dão forma ao sistema, uma vez que a estrutura é uma variável dependente. Dessa forma, para os funcionalistas, a linguagem é concebida como instrumento de interação social, sendo objeto de alinhamento à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade.

Ao presente estudo interessa o polo funcionalista, que se caracteriza por uma visão de língua que não pode ser analisada como objeto autônomo, mas sim, como estrutura moldável, de acordo com alterações nas situações de comunicação, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. Feito esse retrospecto, devemos ainda lembrar que o polo funcionalista pôde ser visto em algumas escolas linguísticas pós-saussureanas europeias do século XX, dentre elas destacam-se os estudos de Halliday e os de Dik.

A teoria funcional de Michael K. Halliday, que surgiu na década de 1970 e que se manifestou na Escola de Londres, está centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura. No campo dos estudos linguísticos funcionais, a Linguística Sistêmico- Funcional (LSF) é uma oposição aos estudos formais de cunho mentalista, uma vez que seu foco de interesse é o uso da língua como forma de interação entre os falantes (Cunha, 2011). Halliday defende a tese de que a natureza da linguagem, enquanto sistema semiótico, e seu desenvolvimento em cada indivíduo devem ser estudados no contexto dos papéis sociais que os indivíduos desempenham. Ou ainda, nas palavras de Macedo (1998), Halliday defende que a estrutura da língua deriva de sua função, chamando atenção para três funções da linguagem: ideacional (expressão das

relações lógicas), interpessoal (expressão de papéis, atitudes e participação na situação de fala) e textual ou metafunção (organização do discurso).

Remetendo agora aos estudos de Simon Dik (1989), uma Gramática Funcional (GF) deve descrever e explicar as línguas naturais, conforme três princípios de adequação explanatória: adequação pragmática, adequação psicológica e adequação tipológica. Uma GF deve revelar as propriedades das expressões linguísticas em relação às regras de interação verbal, por se incluir em uma teoria pragmática da linguagem, o que confere a essa adequação maior peso teórico. À teoria pragmática da linguagem entendemos o uso concreto da linguagem em diferentes contextos, ou seja, indica que se deve levar em conta o contexto no qual a comunicação está inscrita, sendo essencial para a compreensão do enunciado emitido. Em relação à adequação psicológica, Dik (1989) aponta que ela se relaciona com os modelos psicológicos envolvidos na percepção, na interpretação, no processamento, no armazenamento, na recuperação e na produção das expressões linguísticas. Aponta também que a adequação tipológica de uma GF daria conta não somente de explicar as línguas tipologicamente diferentes, mas, de explanar as diferenças e semelhanças entre os diferentes sistemas da língua.

O paradigma funcional utiliza dois tipos de regras aceitas convencionalmente: as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas – que têm papel de administrar a construção das expressões linguísticas – e as regras pragmáticas (relacionadas à teoria pragmática da linguagem) – que administram os padrões de interação verbal nas quais as expressões linguísticas são empregadas. Podemos observar que, na GF, o sistema pragmático de interação, no qual o uso da linguagem é usado em diferentes contextos, é o que governa a construção das expressões linguísticas. Com isso, concluímos que esse paradigma pretende mostrar como as intenções comunicativas dos falantes são refletidas na estrutura da língua, o que justifica a ênfase dada ao padrão de adequação pragmática nesse modelo, ou seja, a adequação do uso da linguagem aos diferentes contextos em que está inserida.

Assim, uma vez apresentado o funcionalismo como instrumento de interação social, podemos associá-lo ao estudo do tópico discursivo, que designa macroestruturas semânticas (Van Dijk, 1977) ou o tema sobre o qual está se falando algo no discurso, não considerando necessariamente ser um estudo sobre a frase, pois, para o tópico discursivo, a unidade é o discurso e não a frase. Entender o que é tópico discursivo, conhecer alguns estudos que foram realizados sobre esse tema e os tipos de tópicos que podemos identificar no gênero tirinha, mostra-se importante para a compreensão deste trabalho, uma vez que optamos por estudar o tópico discursivo por meio de uma abordagem funcionalista. Portanto, traremos o

tema tópico discursivo na próxima seção.

## 2.2 O Tópico discursivo

A partir das pesquisas do Grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) começou a despontar a noção de tópico discursivo. No primeiro estudo do grupo, intitulado ‘Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado’ (Koch *et al.* 1990), há referência a uma unidade discursiva, que compreende um fragmento do texto que se caracteriza pela *centração* em um determinado tema. No entanto, a conceituação dessa unidade discursiva era ainda precária, uma vez que o significado vago e fluido da palavra “tema” não permitia apreender o entendimento por *centração*.

Centração pode ser considerada uma propriedade definidora do tópico discursivo, que diz respeito ao conteúdo, destacando a referencialidade textual, ou seja, nesta propriedade, o tópico é tomado no sentido de “acerca de que se fala”, implicando a utilização de referentes explícitos ou inferíveis e cumprindo a função da linguagem de representar e informar. Em outras palavras, a *centração* aponta para o direcionamento dos diversos enunciados formadores de um tópico para o desenvolvimento de um mesmo tema, abrangendo os traços de *concernência*, *relevância* e *pontualização*, que são, a seguir, definidos por Jubran:

- a) a *concernência* – relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;
- b) a *relevância* – proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;
- c) a *pontualização* – localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (*concernência*) e na proeminência (*relevância*) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais. (JUBRAN, 2006, p.35)

Assim, de acordo com Jubran (2006), os traços de concernência, relevância e pontualização devem ser observados em uma perspectiva referencial e interacional. Portanto, a centração está relacionada ao conceito de conteúdo, podendo-se, a partir das suas propriedades, delinear o que se compreendia por assunto ou tema.

Retomando as pesquisas do PGPF, foi somente no seu segundo estudo – ‘Organização tópica da conversação’ (Jubran, Urbano *et al.* 1992) - que o Grupo reconheceu que o conceito de unidade discursiva era insuficiente, centrando sua atenção na definição dessa unidade. Para isso, focaram nos seguintes fatores: uma vez que o Grupo estava inserido em um projeto de elaboração de uma gramática do português falado e, por trabalhar com o plano do texto, devia formular categorias de estatuto textual, que não estivessem previstas na descrição da gramática e que recortassem a frase como unidade de análise. Essas categorias deveriam ser fiéis ao uso concreto da linguagem em diferentes contextos, concebido como interação social, e condizer com uma perspectiva textual-interativa (Jubran, 2006). Assim, o Grupo afastou a eleição do turno como unidade de análise de texto falado.

Para entender o que seria o turno, podemos dizer, de forma simplificada, que se trata de pequenos “trechos de fala” dos interlocutores de uma conversa, podendo ser exemplificada como: um trecho falado por uma pessoa de uma só vez, pela ocorrência de fala breve por mais de um falante por vez, ou mesmo, pela passagem de uma fala de um falante para outro, sem intervalo de tempo e sem sobreposição. O afastamento do turno (ou dos trechos de fala) ocorreu, pois havia uma projeção de possibilidades que um elemento do turno antecedente, em uma interação verbal, poderia desencadear no próximo turno. Era promovida uma interdependência entre os turnos, pelo movimento de entrosamento entre os interlocutores, que mantinham suas falas, de forma coesa e coerente, em torno de um referencial em uma comunicação. O grupo elegeu então a categoria tópico discursivo como uma categoria analítica abstrata, operada pelo analista, com base nas propriedades tópicas, para recortar segmentos textuais e descrever a organização tópica de um texto.

Usando a figura 1, a seguir, podemos exemplificar o entendimento sobre a noção de tópico discursivo.

Figura 1 – Casa segura



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha apresentada, a sequência e a organização textual são mantidas pela centração no tópico “violência urbana”, que é mantido ao longo do discurso, sustentando a ideia de que a violência urbana não respeita nem mesmo quem deveria estar protegido no interior de sua moradia. O tópico, nesse exemplo apresentado, mantém a coerência da narrativa e mantém o leitor inserido no assunto que aborda a percepção da violência em duas linhas socioeconômicas distintas vivenciadas pelos personagens: um personagem, que vive em condições de moradia tranquila e segura, e o outro, que vive em uma comunidade, onde o risco de ser atingido por projéteis de armas de fogo, mesmo dentro de casa, faz parte do cotidiano de quem lá vive. Na tirinha, apesar de outras unidades textuais se relacionarem com o tópico central, é o tópico discursivo “violência urbana” o responsável por manter a linha de raciocínio que leva ao entendimento da narrativa.

A partir dessa análise, percebemos que o tópico discursivo é um elemento decisivo na constituição textual, sendo a organização discursiva conduzida pela sua estrutura. Segundo Jubran (2002), a noção de tópico não só é definida pelo processo de “interação centrada” no estabelecimento do intercâmbio verbal, mas, também, pelo movimento dinâmico da estrutura conversacional. Dessa forma, segundo a autora, o tópico discursivo decorreria de um processo no qual os participantes inteirados na construção conversacional seriam por ele envolvidos. A conversação estaria assentada em fatores contextuais complexos, tais como, as circunstâncias em que o intercâmbio verbal ocorre, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos que são compartilhados entre eles, o conjunto de antecedentes de uma determinada situação de fala, bem como sua visão de mundo e suas pressuposições.

A estrutura informacional refere-se à distribuição textual dos elementos linguísticos que refletem, ou a informação dada (informação que o falante/escritor reconhece como recuperável para o ouvinte/leitor a partir de alguma fonte), ou a informação nova (informação

que o falante/escritor está tratando como não recuperável para o ouvinte/leitor a partir de outra fonte), conforme discorrem Halliday & Hasan, (1976). Nesse sentido, Dik (1989) considera que a função Tópico apresenta a entidade sobre a qual se fala numa dada situação. O autor distingue o Tópico em: Tópico Novo (TN), Tópico Dado (TD), Subtópico (Subtop) e Tópico Retomado (TR). O Tópico Novo diz respeito à entidade apresentada pela primeira vez no discurso; o Tópico Dado é considerado uma vez que a entidade em questão já tenha sido introduzida no discurso, no texto ou na memória; o Subtópico é entendido quando se continua a falar não somente de um tópico que já tenha sido introduzido no discurso, mas, também, de outras entidades inferíveis dele como disponíveis para o ouvinte e o Tópico Retomado indica o Tópico Dado que, não tendo sido mencionado por um certo tempo, pode ser reativado e restabelecido como Tópico Dado (Dik, 1989).

Retomando o exemplo da tirinha apresentada (figura 1), percebemos que o tópico “violência urbana” pode ser considerado como um tópico dado, uma vez que, geralmente, os temas tratados nas tirinhas estão relacionados a questões sociais ou a fatos ocorridos. Trata-se, também de um tópico inferível, em que o leitor precisa associar as diferentes semioses para compreender a crítica apresentada pelo autor, em relação à violência urbana em dois contextos distintos: um, para pessoas da periferia e outro, para pessoas que moram em locais considerados mais seguros.

Bortolo (2002) esclarece que, em sentido abstrato, um discurso contém um “estoque de tópicos”, que se encontra vazio no início, mas vai gradualmente sendo preenchido com tópicos discursivos, na medida em que são introduzidos no discurso. Assim, alguns tópicos teriam vida curta e desapareceriam; enquanto outros, permaneceriam ao longo do discurso.

Seguindo essa linha, a discussão sobre tópico discursivo alinha-se à discussão sobre o processo de referenciação, uma vez que a organização referencial permite que o texto se desenvolva continuamente e contribui para que haja coerência textual. Dessa forma, a textualização pode ser entendida como a articulação entre os elementos cotextuais e os elementos contextuais, havendo alguns princípios que constituem a textualidade: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Daí observamos que um texto não precisa ser obrigatoriamente linear, mas, para que haja textualidade, pode-se usar variadas estratégias, sendo o texto compreendido a partir de ações retrospectivas ou prospectivas. A partir dos estudos do PGPF, apresentamos três estratégias de construção textual: a repetição, a paráfrase e os parênteses.

A primeira delas, a repetição é, segundo Marcuschi (1996/2006), uma estratégia de

formulação textual que pode, sob o ponto de vista da categoria linguística do elemento repetido, ser fonológica, de morfemas, de itens lexicais, de construções subordinadas e oracionais. No entanto, o processo repetitivo só se configura se for associado à elaboração de um tópico discursivo. Assim, a reintrodução de uma palavra no texto, por exemplo, será classificada como repetição se estiver funcionando para a construção de uma centração tópica, instituindo relações de concernência (interdependência) com a matriz. Não basta, pois, que o simples uso de um mesmo item lexical em tópicos diferentes se configure como estratégia de repetição. Tal fenômeno só ocorre se pudermos depreender relações de interdependência entre as ocorrências da mesma palavra. Desta forma, percebemos que a definição de repetição está diretamente conjugada com a noção de tópico discursivo e que a repetição estabelece continuidade tópica. Vejamos, na figura 1, rerepresentada a seguir, a repetição do vocábulo “casa”, que promove a centração tópica:

Figura 1 – Casa segura (reapresentada)



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha acima, a repetição do vocábulo “casa” possibilita inferir que a violência urbana alcança o interior da residência de muitos moradores, sobretudo aqueles de periferias. No último quadrinho, a representação de “balas perdidas” na parede da casa de Camilo evidencia que ele, criança negra, conhece de perto essa realidade. Outra repetição nessa tirinha é a representação dos personagens utilizando máscara, o que possibilita identificar que o contexto em que se insere a tira é o período da Covid 19.

A segunda estratégia apresentada, a paráfrase, é também uma atividade de reformulação, por meio da qual, novos enunciados modificam enunciados anteriores, que se

constituem como matriz para a operação parafrástica. Ou, simplesmente, é uma nova afirmação do sentido de um texto ou passagem usando outras palavras. Ou, ainda, é uma maneira diferente de dizer algo que foi dito. Na categorização das estratégias de elaboração textual, podemos dizer que o parafraseamento estabelece uma equivalência semântica entre a paráfrase (elemento reformulador) e sua matriz (elemento reformulado) gerando relações de interdependência entre os enunciados que as materializam, integrando-os no conjunto referencial responsável pela centração tópica. Assim, a identificação de um procedimento parafrástico evidencia relações de concernência entre matriz e paráfrase, firmadas no âmbito de um tópico discursivo. A seguir, observamos um exemplo de paráfrase:

Figura 2 – A terceirização



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

No exemplo da figura 2, no 3º quadrinho, um novo enunciado “pessoas que trabalham”, modifica o enunciado anterior “mão de obra”, por meio de uma atividade de reformulação. Na estratégia usada na tirinha, percebemos que o autor utiliza um termo diferente que retoma um termo apresentado anteriormente, dizendo, de forma diferente, o que já havia sido dito, quando o personagem Camilo conceitua “mão de obra”. Dessa forma, o novo enunciado promove o desfecho cômico para a tirinha.

A terceira e última estratégia de construção textual que apresentamos neste trabalho, é o processo de parentetização. Jubran (1996/2006) afirma que, para definir parênteses, é preciso levar em conta o princípio tópico da centração, uma vez que os fatos parentéticos consistem em inserções, nos segmentos tópicos, de elementos não atinentes ao conjunto referencial em relevância nessas unidades textuais. Assim, segundo a autora, os parênteses operam desvios do tópico discursivo, que não afetam a coesão do segmento dentro do qual ocorrem. Em decorrência disso, sua definição é relacional, ou seja, a caracterização de parênteses como elemento encaixado e desviante só se ressalta por contraposição ao contexto tópico. Fica marcada a necessidade de se apoiar analiticamente na propriedade da centração, para que se

possa verificar a suspensão tópica efetuada pela inserção parentética. Em resumo, é a partir da categoria de tópico discursivo que se fixa a concepção de parentetização. Jubran enfatiza que os parênteses se constituem como uma modalidade de inserção, definível como “breves desvios de um tópico discursivo” (Jubran, 2006a, p. 303). Dessa forma, os parênteses não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem. A autora ressalta ainda que a inserção parentética não apresenta estatuto tópico, uma vez que não constitui uma nova centração, já que não desenvolve outro tópico discursivo dentro do que estava em curso. Dessa forma, o elemento que foi inserido provoca uma breve suspensão do tópico no qual se encaixa, não acontecendo a divisão desse tópico em porções textuais claramente separáveis. Assim, o elemento inserido interrompe momentaneamente o tópico, porém, o retoma imediatamente.

Figura 3 – O poder da leitura



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

No exemplo anterior, ocorre a parentetização na inserção do quadro da socióloga, política e ativista, Marielle Franco, no último quadrinho da tirinha (representado, na ilustração, como um quadro com o rosto de Marielle pendurado na parede acima da estante de livros). Percebemos que a narrativa do texto, sobre a leitura e os efeitos causados por ela e o questionamento ‘se os pobres devem ou não ter o hábito da leitura’, sofre um breve desvio com a inserção da foto de Marielle, sem afetar a coesão do segmento tópico “livros”, uma vez que a política, que foi morta em 2018, lutava também pelos direitos das pessoas pobres.

Uma vez apresentadas as estratégias de construção textuais e retomando a relação entre tópico discursivo e referenciação, Neves (2006), afirma que os referentes textuais e os tópicos (menos marcados no texto), passam a fazer parte do jogo de construção do discurso, misturam-se e criam a rede referencial que o mantém. Assim, a autora esclarece que os referentes textuais são as anáforas associativas e as operações de nominalização, enquanto os referentes tópicos são aqueles que constituem entidades do universo discursivo sobre o qual se fala, que cria e relaciona o que entra na elaboração da informação proposta pelo texto.

Marcuschi (2007) aponta três processos como básicos, construídos em atividades de discurso, capazes de permitir a reflexão e a análise do pensamento da própria linguagem. São eles: a inferenciação, a categorização e a referenciação.

Para Marcuschi (2007), a inferenciação se constituiria em toda e qualquer prática que envolva algum tipo de raciocínio, devendo ser vista como uma projeção de natureza sociocontextual em um enunciado e deve permitir a produção de efeitos similares, já que a nossa forma de conhecer o mundo ocorre a partir de inferências que se originam por inclusões de contextos organizados lenta e coletivamente. Seguindo essa linha, Marcuschi (2003) discorre sobre a inferenciação, lembrando que costumamos acrescentar, eliminar, generalizar, ou mesmo, reordenar as informações textuais, usando de atitudes que são da natureza humana, próprias de um ser que pensa. Dessa forma, ao avaliar, generalizar, comparar, associar, reconstruir ou particularizar informações, esse ser pensante reforça ser a inferência sempre particular e inesperada. Assim, a autora conclui que a inferência é a concepção dada a partir da integração do repertório sociocultural acumulado pelo leitor e a informação apresentada no texto.

Sobre a categorização, podemos observar que designamos as pessoas, as coisas, os fatos e os estados de espírito como nomes, que foram partilhados por grupos de pessoas que usam da mesma atividade discursiva, comungando das mesmas informações e experiências. Sendo assim, para Marcuschi (2007), as categorias são mais modelos sociais do que modelos mentais, considerando seu processo de constituição, e os conhecimentos são exercícios racionais, e não retratos da natureza, sendo que “os nomes das coisas são a nossa primeira teoria a respeito do mundo” (Marcuschi, 2007, p.69-70).

Por fim, a referenciação, que pode ser entendida como uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado, não se constituindo somente como uma relação representativa de coisas (Mondada, 1995) e pode ser analisada em duas dimensões da construção textual: na microperspectiva e na macroperspectiva textuais. A microperspectiva textual é relativa à progressão referencial. Trata-se de um processo constituído de estratégias de designação de referentes, como introdução, identificação, continuidade e retomada de referentes. Já a macroperspectiva textual, é relativa à progressão tópica. Trata-se da forma como os tópicos e subtópicos discursivos progridem e sustentam a coerência do discurso no texto (Dik, 1989).

Uma vez feita a relação da referenciação com o tópico discursivo, observamos que, apesar da noção de tópico discursivo ter partido das observações sobre interrelação de turnos, apoiando textos dialogados e conversacionais, a categoria tópico é aplicável à análise de outros

gêneros textuais, falados e/ou escritos, uma vez que a topicalidade é um processo constitutivo do texto. E é justamente, por se tratar de um processo constitutivo do texto - sendo neste trabalho o texto representado especificamente pelas tirinhas - que apresentaremos, no próximo capítulo, uma visão geral sobre textos.

Cabe dizer que o estudo de textos é muito amplo e complexo. Por esse motivo, optamos por apresentar, no próximo capítulo, o conceito de gênero textual e de texto, em uma abordagem mais ampla e, a seguir, apresentaremos as noções dos textos em quadrinhos, por se tratar de uma categoria que está inserida dentro dos textos, a partir do qual dará origem às tirinhas - material de estudo e análise deste trabalho. Apresentaremos também as temáticas sociais ligadas à raça negra, que nos permitirá, posteriormente, analisar a construção tópica, considerando-se a temática racismo, por meio da abordagem funcionalista.

### **3 O GÊNERO TIRINHA**

#### **Introdução**

Neste capítulo serão abordadas as noções de gênero textual e de texto, tratados aqui como resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, capazes de coordenar suas ações de forma a buscar um fim social que esteja em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. A discussão considera os textos como multimodais e multissemióticos e privilegia o gênero texto em quadrinhos, considerado um hipergênero, que agregaria diferentes gêneros autônomos, entre eles, a tirinha, que, além de se constituir como material de estudo deste trabalho, ainda possibilita o estudo de temáticas sociais ligadas à raça.

#### **3.1 Compreendendo a noção de gênero textual e de texto**

Para o filósofo russo, Mikhail Bakhtin (2003), os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sociohistoricamente. O autor refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Mesmo na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, conforme o autor, “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática” (Bakhtin, 2003, p.282).

Conhecer o conceito de enunciado, é importante para se entender o conceito de gênero. Assim, o enunciado, que pode ser falado ou escrito, pressupõe um ato de comunicação social, é a unidade real do discurso. Nesse processo, existe uma interatividade entre sujeitos falantes. O ouvinte não é um ser passivo, ao contrário, ao ouvir e compreender um enunciado, ele adota uma atitude responsiva, isto é, ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim, atuar de forma ativa no ato enunciativo. Aliás, o locutor não deseja uma reação passiva, mas um retorno, uma vez que age no sentido de provocar uma resposta, atua sobre o outro buscando convencê-lo, influenciá-lo. Bakhtin refere que esta atitude é a principal característica do enunciado. O autor salienta também, que o enunciado é único e não pode ser repetido (apenas citado), já que advém de discursos proferidos no exato momento da interação social. Interessante apontar que Bakhtin considera o enunciado como resultante de uma “memória discursiva”, ou seja, repleta de enunciados que já foram proferidos em outras épocas,

em outras situações interacionais, nas quais, o locutor, inconscientemente, toma como base para realizar a enunciação do momento, visando formular seu discurso. A enunciação caracteriza-se então pela alternância de atos de fala, numa relação dialógica. Esta alternância é uma das peculiaridades do enunciado. A outra é a sua conclusibilidade específica, ou seja, um falante termina o seu turno para dar lugar à fala do outro, e é isto que permite a possibilidade de resposta - posição responsiva.

Seguindo essa linha, para Bakhtin, cada ato de enunciação é composto por diversas “vozes”. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações dessas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. Isso é o que o autor denomina de polifonia. Essas vozes “dialogam” dentro do discurso, não se tratando apenas de uma retomada. Esse diálogo polifônico é construído histórica e socialmente. A partir desse diálogo dá-se a construção da consciência individual do falante. O autor complementa, referindo que só pensamos graças a um contato permanente com os pensamentos alheios, pensamentos esses expressos no enunciado. Dessa forma, a consciência individual é resultante de um diálogo interconsciências.

Um outro traço constitutivo do enunciado é o fato dele ser produzido para alguém. Assim, todo enunciado tem um destinatário. O filósofo salienta que o outro – “receptor” do discurso - não é necessariamente alguém totalmente definido, como acontece “em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional” (Bakhtin, 2003, p.301). O autor comenta, ainda, que o estilo do discurso é definido a partir de concepções que o locutor tem a respeito do destinatário. Assim, alguns aspectos são considerados na elaboração do enunciado, como as convicções, os preconceitos do destinatário, seu grau de letramento, seu conhecimento do assunto a ser tratado, suas convicções, suas simpatias e antipatias. Fatores esses que determinarão a escolha do gênero mais adequado à situação comunicativa em questão.

Assim, ao compreendermos o enunciado como uma unidade discursiva estritamente social, que provoca uma atitude responsiva por parte do sujeito, concluímos que todo e qualquer enunciado é produzido para alguém, com uma intenção comunicativa pré-definida. São essas intenções, como parte das condições de produção dos enunciados que, para o autor, determinam os usos linguísticos que originam os gêneros. Assim, o ato de fala possui formas diversificadas de acordo com o querer-dizer do locutor. Tais formas constituem os tipos “relativamente estáveis” de enunciados e são caracterizados pela forma composicional, pelo estilo de linguagem (recursos linguísticos utilizados) e pelo conteúdo temático (assunto). Dessa forma, essa relativa estabilidade, ao qual o autor alude, é devida à sua marca histórica e social relacionada a contextos interacionais.

Dessa maneira, os gêneros discursivos vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico no qual estão inseridos. Cada situação social origina um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao pensarmos a infinidade de situações comunicativas e, ainda, que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Bakhtin vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas.

Uma vez compreendida a noção de gênero, procuramos agora compreender a noção de texto, tendo a consciência de que ela não é única e está alicerçada em correntes teóricas distintas. Em uma perspectiva que considera o texto como produto, o texto é visto como um artefato linguístico formado pela combinação de letras, formando palavras, rotulando coisas ou estados de coisas do mundo real, formando sentenças que apresentam sentido literal, visto como totalmente explícito e fora de contexto, autônomo, ou ainda, facilmente dominado por códigos. Dessa forma, o texto, segundo Koch (2001), não teria segredo algum. Em uma dimensão que considera o processo, o texto é tratado como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como um evento em que ações linguísticas, cognitivas e sociais são convergidas, ou um lugar em que convergem ações a partir das quais se constroem objetos de discurso e múltiplas propostas de sentidos. Nessa perspectiva, o texto é compreendido como construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado, que possibilita a interação pela linguagem (Koch, 2001).

A partir daí, podemos conceituar texto como resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, capazes de coordenar suas ações de forma a buscar um fim social que esteja em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. Ou ainda, segundo a autora, o texto pode ser visto como uma manifestação verbal constituída por elementos linguísticos, que seriam selecionados e ordenados sequencialmente, de forma intencional, durante a atividade verbal. Isso permitiria não somente apreender conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e de estratégias cognitivas, mas também, permitiria que os parceiros envolvidos nessa manifestação verbal atuassem conforme as práticas socioculturais (Koch, 1992).

Ampliando a discussão sobre a noção de texto, é fundamental considerarmos que os textos apresentam, além dos elementos linguísticos (entendidos como textos meramente escritos), outras semioses que os constituem, como tabelas, gráficos, infográficos, mapas, tiras, tipo e tamanho da fonte, cor, desenho, imagens, distribuição e hierarquização da informação, gestos e, até mesmo, sons. Tal fato comprova que os procedimentos de decisão, seleção e

combinação usados na constituição textual envolvem não apenas elementos linguísticos, mas também, elementos não linguísticos, revelando a integração de vários modos de linguagem. Considerando que aspectos multimodais, como os indicados anteriormente, participam da composição do texto assumindo relevante função na orientação da leitura e considerando que esses aspectos multimodais fazem parte do processo de construção e elaboração do gênero tirinha, é importante compreender o conceito atual de texto, que não mais se limita à linguagem verbal, mas sim, se estende a uma gama de possibilidades semióticas que se articulam e se complementam.

Assim, a noção de texto, em que se considera apenas a dimensão verbal, ampliou-se de modo a abarcar os textos em cuja tessitura são trançados diferentes modos semióticos, conforme evidencia Kress:

Um ‘tecer’ junto, um objeto fabricado que é formado por fios ‘tecidos juntos’—fios constituídos de modos semióticos. Esses modos podem ser entendidos como formas sistemáticas e convencionais de comunicação. Um texto pode ser formado por vários modos semióticos (palavras e imagens, por exemplo) e, portanto, podemos chegar à noção de multimodalidade (Kress, 1995, p.7).

Diante dessa realidade, Rojo (2012) considera que a demanda por multiletramentos deriva do recente fenômeno da multimodalidade dos textos contemporâneos, que exigem habilidades específicas e distintas para produzir e compreender significativamente cada um dos modos que compõem um texto. Nesse viés, para se entender a Teoria da Multimodalidade (TM), é preciso considerar a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Semiótica Social (SS) como escolas que influenciaram as bases da TM.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma perspectiva de análise linguística australiana desenvolvida, no final da década de 1980, pelo pesquisador Michael Halliday. O autor explica a linguagem como um recurso capaz de construir significados motivados para exercer funções em contextos sociais específicos, assim, as dimensões socioculturais são extremamente relevantes para determinar escolhas e para entender os variados modos semióticos existentes. Nesta seara, Halliday (2004) afirma que todas as línguas se organizam em torno de dois significados principais: o ideacional (reflexivo) e o interpessoal (ativo). Este significado destaca a importância de se influir sobre as pessoas, já aquele, destaca a importância de entender o ambiente. Assim, Halliday (2004) identifica o caráter multifuncional da linguagem, por meio desses componentes, indicando a existência de três trabalhos semióticos (ou metafunções), que se realizam simultaneamente: o ideacional, o

interpessoal e o textual. Para o autor, a metafunção ideacional é responsável pela construção das experiências humanas, dando nomes e representando-as em categorias. Já a metafunção interpessoal é responsável por desempenhar tipos distintos de relação entre os participantes do discurso. Por fim, a metafunção textual é responsável por organizar o fluxo discursivo em seus movimentos sucessivos de interação, mantendo a coesão do texto.

A outra escola influenciadora da Teoria da Multimodalidade (TM) é a Semiótica Social (SS). Esta estuda a comunicação humana por meio de aspectos amplos que ultrapassam a comunicação verbal. O marco inicial dos estudos relacionados à sociosemiótica é o trabalho realizado por Hodge e Kress, intitulado *Social Semiotics* (1988), ao analisar os signos na sociedade, tendo como principal função o estudo da troca de mensagens, ou seja, o estudo da comunicação dentro de um contexto social. Dessa maneira, “ações como falar, ler, escrever, gesticular, desenhar, são meios dos quais o homem se utiliza para se comunicar com os demais, produzindo significados sociais” (Hodge; Kress, 1988, p. 26).

Nesse viés, Kress e van Leeuwen, amparados pela LSF e pela SS, propõem um aprofundamento nos estudos referentes aos textos visuais e apresentam a Teoria da Multimodalidade (TM), por meio da Gramática do *Design Visual* (2006)<sup>3</sup>, buscando atender às necessidades de se desenvolver novos métodos de estudos, que analisassem as imagens textuais como modos semióticos carregados de sentido. Assim, Kress e van Leeuwen (2006, p.41) postulam que “cada modo de representação tem um histórico em constante evolução, no qual seu alcance semântico pode se contrair ou expandir ou se mover para diferentes áreas de uso social como resultado dos usos para os quais é colocada”. Percebemos, então, que a Teoria da Multimodalidade aponta que diferentes semioses são moldadas, tanto pela cultura quanto pelas funções socioculturais e ideológicas, sendo possível unificar teorias semióticas e críticas em prol de um princípio de leitura capaz de voltar-se, ao mesmo tempo, para as determinações da cultura e as escolhas representacionais.

---

<sup>3</sup>Kress e van Leeuwen, pesquisadores sociosemióticos, fundamentaram-se primordialmente, na GSF, de Halliday, para estruturar a Gramática do *Design Visual* (GDV). A intenção dos autores era correlacionar as noções teóricas das metafunções linguísticas com a análise do *design* visual e não, especificamente, a de verificar equivalências entre linguagem e imagem, pois ambas jamais representarão as mesmas coisas, uma vez que cada uma abarca códigos específicos e regras que as delimitam nas suas respectivas formas de representação do mundo. Por se tratar de uma abordagem diferenciada e complexa, o tema não será aprofundado neste estudo, podendo, no entanto, servir como objeto de abordagem em trabalhos futuros.

Visto isso, concluímos que, quando falamos em textos multimodais, percebemos que os textos multissemióticos, como a propaganda social, o anúncio publicitário e, principalmente, as tirinhas, material de estudo deste trabalho, apresentam um conjunto de elementos gráficos, como a escrita, as cores, as imagens, as ilustrações, a diagramação, o espaço entre as imagens, as escolhas lexicais, além do texto verbal, que variam e são usados de acordo com sua finalidade comunicativa. Para este trabalho, trataremos o texto como objeto de interação social em que as ações sociais, cognitivas e linguísticas são convergidas e se misturam, sendo capazes de construir objetos de discurso e variadas propostas de sentidos, possibilitando a interação por meio da linguagem.

A próxima seção apresentará uma discussão sobre o texto em quadrinhos, uma vez que pretendemos abordar um, dentre os vários gêneros textuais, e os quadrinhos são considerados um hipergênero que agregaria gêneros autônomos, como as tirinhas, que serão apresentadas posteriormente.

### **3.2 O texto em quadrinhos - uma visão geral**

Uma vez apresentado o conceito de texto, passaremos a falar sobre os textos em quadrinhos. O pesquisador Paulo Eduardo Ramos (2009, 2011), linguista brasileiro dedicado aos estudos dos quadrinhos e das tiras, defende que as histórias em quadrinhos compõem um hipergênero, que se constituiria em um campo maior que agregaria diferentes gêneros autônomos – tal como a tirinha.

Segundo a professora Maria da Penha Pereira Lins, apesar dos textos em quadrinhos terem uma aceitação expressiva nas diferentes camadas sociais, eles parecem não constituir objeto de estudo em relação a sua organização textual. Para Lins (2008), o componente verbal contido nos textos em quadrinhos constitui-se num texto escrito com intenção de “reproduzir” a língua falada, que é atualizada nos diálogos construídos nas interações que ocorrem entre os personagens, mesmo sabendo que esses textos combinam itens verbais com itens visuais. Entretanto, não há ainda conhecimento de uma descrição da “linguagem de quadrinhos”, no que diz respeito ao caráter complementar entre os componentes verbais e visuais.

A informalidade dos textos em quadrinhos e a sua elaboração fragmentada - características estas encontradas principalmente nas tirinhas - aproximam esse tipo de texto do texto falado, pois, segundo Lins (2008), o texto em quadrinhos é constituído de quadros e os tópicos são desenvolvidos, cotidianamente, de tirinha para tirinha, numa sequência em que as

inserções e as mudanças de assuntos promovem continuidades e descontinuidades na sua organização global.

Nessa linha, o texto em quadrinhos, que representa a linguagem coloquial sem se preocupar com a correção gramatical típica da língua escrita, sempre esteve à margem dos estudos realizados por especialistas da linguagem. No entanto, a partir do momento em que os estudiosos enfocam a linguagem dos quadrinhos no âmbito da Linguística, dá-se a devida importância a esse tipo de linguagem, que se mostra tipicamente oral, mas é, por nascimento, escrita, uma vez que é planejada com antecedência.

Essa definição parte de uma visão extremista que classifica o discurso oral como um discurso sem organização prévia e não planejável, o que tornaria difícil prever qual seria a forma e o assunto da sequência do discurso. Essa visão extremista também classifica o discurso escrito. Este teria uma organização prévia da ideia a ser transmitida pelo comunicador, buscando um maior envolvimento entre os participantes da interação na fala e um maior distanciamento na escrita. Em outras palavras, no discurso oral, a preocupação dos interlocutores estaria centrada no desenvolvimento da interação em si; enquanto no discurso escrito, o foco estaria no assunto discutido. No entanto, Koch (1992) alerta que essas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, mesmo porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo da situação comunicativa.

Por apresentarem uma conjugação de signos na sua construção – signos gráficos e signos linguísticos – os quadrinhos apresentam uma linguagem própria. Há momentos em que todas as funções textuais são representadas apenas por elementos visuais e há momentos em que o código visual e o linguístico se complementam. Assim, o texto em quadrinhos é considerado privilegiado para a realização de pesquisas linguísticas centradas na interação devido, principalmente, à conjugação entre o visual e o linguístico. Os textos conseguem combinar dados referentes à ação em curso, a eventos passados, eventos futuros e eventos simultâneos à cena em tela. Numa perfeita harmonia textual, o texto escrito tem a função de indicar aquilo que a imagem não mostra, acrescentando elementos espaciais e temporais necessários à compreensão e mantendo a coerência textual.

O texto em quadrinhos distingue-se também por apresentar variados enquadramentos visuais. É na leitura de um quadrinho após o outro que ocorre a compreensão da narrativa e a compreensão sequencial não ocorre de forma necessariamente linear. A leitura do texto em quadrinhos pode remeter o leitor à lembranças, saltos no tempo, associações com diferentes temas, fusões entre passado, presente e futuro, independentemente da estratégia cronológica

adotada pelo autor.

Complementando essas características, alguns recursos (ou elementos) são usados nos textos em quadrinhos, buscando dar mais dinamicidade à leitura. Como exemplos, o uso dos balões nas histórias de quadrinhos, usados pelos autores, como balões-fala, balões-pensamento, balões-berro, balões-trêmulos, entre outros, que, por meio de seus formatos ou intenções, explicam e ampliam o sentido de palavras e expressões. Outro recurso/elemento que completa a linguagem dos quadrinhos trazendo efeito de natureza sonora é a onomatopeia. Além de estar associada a alguma figura ou situação, a onomatopeia é vista como uma forma expressiva da linguagem, uma vez que ilustra ou imita diretamente um som, facilitando a interpretação do leitor. Há, ainda, outras especificidades, que podem ser observadas nos quadrinhos e que marcam a oralidade no texto verbal. Como exemplos, o uso do negrito, o uso de letras em tamanhos diferentes, o uso do itálico, do tipo de letra/fonte, do sublinhado, ou ainda, da mudança de cores, que confere expressividade no que é inferido através da história contada podendo enfatizar determinada palavra, frase ou expressão.

Os “quadrinhos” e as “tirinhas” são comumente confundidos e usados como sinônimos. No entanto, apresentam diferenças que os distinguem na sua história de origem e desenvolvimento e na função que desempenham dentro de revistas, jornais e, nos dias atuais, nos *sites*. As histórias em quadrinhos (HQs) são narrativas contadas por meio de imagens e textos, sendo talentosamente produzidas por artistas. Quando a HQ é muito elaborada, apresentando desenhos artísticos e processos de criação mais complexos, são chamadas de *graphic novel* (expressão literalmente traduzida para o português como ‘romance gráfico’). Essas histórias são publicadas e podem ser lidas em revistas e livros, principalmente pelo fato das suas narrativas serem geralmente mais complexas e elaboradas, podendo assim serem estendidas e/ou divididas em episódios.

Já as tirinhas se constituem como um exemplo de gênero textual que integram várias semioses, capazes de apresentar narrativa e articulação estrutural de texto verbal e visual com discurso dotado de humor e/ou crítica político-social. As tirinhas apresentam um formato mais simples, uma vez que é formada por uma sequência de poucos quadrinhos (normalmente de dois a quatro, no máximo), expostos um ao lado do outro. Raramente aborda uma história completa, sendo quase sempre uma narrativa que busca alcançar o lado humorístico, por meio de críticas sociais (mesmo que algumas vezes o tema social abordado não seja engraçado, devido ao seu grau de importância para a sociedade). Normalmente, apresentam ilustrações formadas por traços mais simples e menos elaborados. Para as tirinhas, quanto às publicações (que ocorrem com regularidade), normalmente é reservado o espaço no rodapé de jornais.

Atualmente, são também publicadas na internet, por meio de *sites* e *blogs*, resultando em uma grande aceitação do público.

Assim, para tratarmos sobre os textos em quadrinhos, é importante discorrermos sobre as “tirinhas”, material de estudo e análise deste trabalho.

### **3.3 O gênero tirinha: do efeito humorístico à crítica social**

O começo da produção das tiras, ou “tirinhas”, ocorreu nos Estados Unidos, na década de 1910, sendo publicadas nas páginas dos jornais, e, daquele país, se expandiu para o mundo, chegando, inclusive, ao Brasil. É ainda hoje muito comum a sua publicação em jornais, porém, a internet tem sido um novo meio de veiculação dessas histórias.

O gênero textual tirinha apresenta não só a linguagem verbal, mas também a linguagem visual na sua composição. Este tipo de gênero tem sido amplamente estudado e é considerado como gênero multimodal por excelência. É natural que ocorra ainda uma falta de clareza quanto à nomenclatura desse gênero, sendo a ele atribuída uma série de termos: tira, tira cômica, tira de quadrinhos, tirinha, tira de jornal, tira diária, tira jornalística, entre outros. Segundo o pesquisador, Ramos (2013), mesmo apresentando-se sob diferentes gêneros, o mais comum e corriqueiro deles, no Brasil, tanto nos jornais, quanto em meios virtuais, são as tiras cômicas, que são também tratadas pelo autor simplesmente como tiras. As tiras teriam como marca central a criação de uma narrativa humorística, caracterizam-se como produções marcadas por um desfecho inesperado, tal qual uma piada, e apresentam o formato básico de três a quatro quadrinhos, dispostos, normalmente, lado a lado, no sentido horizontal.

Seguindo essa linha, as tiras, que serão, a partir de agora, tratadas neste trabalho como “tirinhas”, apresentam uma linguagem autônoma, ou seja, usam mecanismos próprios para representar os seus elementos narrativos. São dotadas de um conjunto de convenções capazes de incorporá-las e identificá-las, tais como: o formato retangular (horizontal, ou às vezes, vertical), dois a quatro quadrinhos, diálogos curtos, linguagem verbal e não-verbal (linguagem mista), recursos icônico-verbais próprios (balões, onomatopeias, metáforas visuais, figuras cinéticas, etc.), personagens (fixos ou não) e desfecho inesperado. Ao lê-las, o leitor dominaria essas convenções e, conseqüentemente, dominaria a forma composicional que lhe é própria. Além da forma composicional, esse gênero textual possui mecanismos de representação dos elementos narrativos, como estratégias e recursos visuais, que denotam as características e particularidades dos personagens, da narrativa, do movimento, da história contada, das

expressões faciais, gestos, posturas e posições corporais dos personagens.

Além dessas convenções, há um aspecto muito importante e pertinente a ser levado em conta, quando se realiza a leitura das tirinhas: o contexto em que ela está inserida. As tirinhas podem trazer informações que necessitam ser recuperadas na memória e/ou no conhecimento de mundo do leitor. Dessa forma, a leitura das tirinhas necessita que o leitor identifique as informações inferidas no texto, ou seja, necessita que ele recupere fatos que estão além da estrutura textual da tirinha, para que a narrativa faça sentido. Nesse viés, o leitor precisa ativar conhecimentos prévios acerca do tema tratado, explorando seu repertório sócio-histórico-cultural, trazendo elementos que permitirão que ele alcance a proposta das tirinhas, que pode variar desde a ativação de efeitos humorísticos até a concepção de uma crítica social.

A figura 4, a seguir, ilustra essas considerações:

Figura 4 - Mimimi



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

A figura apresentada corresponde a uma tirinha formada por três quadrinhos, dispostos em uma mesma linha horizontal, ou seja, dispostos no formato padrão. Podemos observar a integração de diferentes semioses que contribuem para o efeito de sentido: a semiose verbal (observada nas falas dos personagens da tirinha) e pela representação visual, observada nos desenhos que representam os personagens (alguns já conhecidos pelas suas características, como o cabelo azul de Armandinho ou a pele negra e o cabelo com tranças *rastafári* de Camilo, por exemplo), nas cores, nas caracterizações dos personagens (como o chapéu e o chicote manipulado pelo personagem Pudim, por exemplo) e nos recursos icônico-verbais, como a onomatopeia “SCHLEP!” (presentes nos 2º e 3º quadrinhos). A tirinha apresenta uma crítica social em relação à existência ou não de uma cultura racista no Brasil na atualidade. Nesse sentido, o 2º quadrinho é fundamental para o entendimento da tirinha, por destacar o personagem Pudim, usando um chapéu e um chicote, remetendo a um feitor de escravos negros

e, ao mesmo tempo, utilizando o termo “mimimi”, expressão bastante atual e que sugere uma queixa ou uma reclamação pouco pertinente, ou mesmo, injustificada, para ridicularizar a dúvida quanto à existência do racismo no país.

Assim, fica evidenciado que o leitor, a partir da leitura das tirinhas, tem a possibilidade de ampliar seu repertório cultural, social e crítico, uma vez que esse gênero textual, além de ser imensamente significativo para os estudos da linguagem, tem o potencial de explorar diferentes temáticas sociais. Neste estudo, a análise das tirinhas selecionadas para o *corpus*, vista sob a ótica da teoria funcionalista, remete o leitor a reflexões sobre temas sociais, especificamente, a reflexões sobre temas ligados à raça, como o racismo, o preconceito racial e a discriminação racial, que, apesar de serem conceitualmente diferentes, tais questões estão relacionadas à temática, uma das características constitutivas do gênero.

### **3.4 A temática social ligada à raça negra**

O racismo é um assunto bastante presente nas tirinhas do autor Alexandre Becker e, para compreender essa temática, é relevante fazermos um retorno ao passado. O duradouro e violento processo de submissão e escravização colonial, no Brasil, foi baseado, inicialmente, na exploração dos povos indígenas e, em seguida, no tráfico de africanos para o país. Pessoas negras eram trazidas como mercadorias, nos navios negreiros, submetidas à condições desumanas, para serem aqui escravizadas. A escravidão negra fazia parte da própria lógica de funcionamento da sociedade. Na segunda metade do século XIX, o Brasil contava com uma grande quantidade de escravos negros, que desencadeou, posteriormente, a intensificação das fugas e a formação de quilombos. Havia, naquele momento, uma grande pressão internacional pelo fim da escravidão – principalmente pela Inglaterra – e pela necessidade de se adequar ao capitalismo, que estava em processo de expansão no país. Nesse cenário, o Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental, sendo o último a extinguir o tráfico negreiro (com a Lei Eusébio de Queirós, em 1850) e o último a abolir a escravidão (com a Lei Áurea, em 1888).

No entanto, com o “fim da escravidão”, após a assinatura da Lei Áurea, não houve orientação destinada a integrar os negros às novas regras de uma sociedade então baseada no trabalho assalariado. Dessa forma, o liberto foi mantido como um indivíduo marginal e subalterno na pirâmide social. Entre alguns dos motivos determinantes para essa manutenção, havia a não realização da reforma agrária, ficando o negro sem acesso à terra para morar e/ou

produzir, e a exclusão de políticas de saúde e educação, o que os impedia de exercer a verdadeira cidadania. Além disso, para sobreviverem, os negros disputavam o mercado de trabalho com os brancos e com os imigrantes, em sua maioria mais qualificados, além de serem indivíduos que não carregavam o ranço da escravidão existente.

Dessa forma, os negros ficaram sendo sujeitos a todo tipo de preconceito, levando muitos dos recém-libertos a permanecerem nas fazendas em que foram escravos, vendendo seu trabalho em troca de sobrevivência. Ademais, aos negros que migraram para as cidades, só restaram os subempregos, a economia autônoma e o artesanato. Isso aumentou grandemente o número de ambulantes, de quitandeiras e de empregadas domésticas, sem qualquer tipo de garantia ou assistência social. Milhares de negros foram literalmente abandonados nas ruas, sem a mínima condição de sobrevivência. Esses fatores mantêm, até os dias atuais, uma ‘mentalidade colonizadora’ entre nós brasileiros, que se expressa no nosso cotidiano, na reprodução das relações de desigualdade e na falsa ideia de superioridade branca. Em outras palavras, a mentalidade escravocrata continua existindo, por meio do racismo e da enorme desigualdade social, funcionando como elemento de distinção entre brancos e negros.

Por tudo isso, percebemos que questões sociais ligadas ao desrespeito à diversidade racial, principalmente contra indivíduos negros, são constantes no país, confirmando que a prática do racismo ainda existe. E, por entendermos que se faz necessária manter viva a discussão e as reflexões sobre a temática social ligada à raça negra, apresentaremos algumas categorias que aparecem associadas à ideia de raça e que se manifestam no gênero tirinha: o racismo, o preconceito racial e a discriminação racial.

Para entendermos a primeira delas, o racismo, precisamos entender o conceito de raça. O termo ‘raça’, no século XIX, era baseado nas classificações taxionômicas das ciências biológicas, segundo as quais os seres vivos eram categorizados. Presumia-se, assim, que, nos grupos humanos, características genéticas determinavam características fenotípicas e mesmo sociais. A aplicação da teoria *darwinista* às ciências humanas produziu teorias racialistas e evolucionistas sociais, que partiam de premissas de que determinados grupos sociais eram superiores em relação a outros, ou seja, que havia uma superioridade racial. Esse tipo de pensamento serviu como justificativa para empreendimentos neocoloniais e também para a já estabelecida escravidão de povos não brancos, que se estenderia nos séculos seguintes apresentando variadas formas de racismo.

O racismo pode ser entendido, então, como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do

grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2021, p.32).

Dessa forma, trataremos o racismo sob três diferentes concepções: a individualista, a institucional e a estrutural. Visto sob a concepção individualista, o racismo estaria ligado ao comportamento e à educação do indivíduo, ou seja, seria um fenômeno ético ou psicológico, de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados, ou ainda, uma demonstração de irracionalidade por parte de alguns. Nessa linha, não haveria sociedade ou instituições racistas, mas sim, indivíduos racistas, que agem de forma isolada ou em grupos.

Visto agora sob uma concepção institucional, o racismo não é mais resumido a comportamentos individuais, mas sim, tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que confere desvantagens e/ou privilégios com base na raça. Dessa forma, a existência de regras e padrões que dificultem, de forma direta ou indireta, a ascensão de negros, ou que façam com que espaços de discussão e reflexão sobre a desigualdade racial não existam, conferem o domínio de homens brancos nas instituições de poder, como o judiciário, o legislativo, reitorias e diretoria de empresas, entre outros. Esse funcionamento institucional, por vezes, tende a ser alterado pela ação ou omissão do Estado, que podem modificar os mecanismos de discriminação ou atribuir certas vantagens sociais aos grupos raciais discriminados. Um bom exemplo disso são as políticas de ação afirmativa, que pretendem aumentar a representatividade das minorias raciais e alterar a discriminação nas instituições. Assim, na concepção institucional, a formulação de regras e a imposição de padrões sociais, de forma deliberada ou não, visam atribuir privilégios ao grupo racial formado por pessoas brancas, em detrimento à população negra.

Por fim, o racismo, visto sob uma concepção estrutural, revela que o comportamento racista das instituições, que têm sua atuação condicionada a uma estrutura social, só ocorre porque esse racismo é parte dessa mesma estrutura, ou seja, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (Almeida, 2021, p.47). Percebemos, então, que as instituições não criam o racismo, mas sim, reproduzem as ações racistas que já estão na sociedade e são vistas como “normais”. Visando facilitar o entendimento, a ocorrência de práticas sociais racistas, no interior de instituições, na forma de violência explícita ou de microagressões, como piadas associadas à raça, silenciamento ou isolamento, diante de ofensas direcionadas aos negros e consideradas como brincadeiras ou simples “demonstrações de afeto”, servem para exemplificar a “normalidade” dessas ações. Ou ainda, a mera presença de negros em espaços de poder e decisão, visando disfarçar a pouca ou nenhuma representatividade de pessoas negras nesses locais, demonstra a atuação racista dessa instituição. Assim, em resumo: o racismo ocorre em decorrência da estrutura social, ou seja, o racismo, infelizmente visto como normal,

é, na verdade, estrutural.

A figura, a seguir, ilustra uma reflexão sobre o racismo:

Figura 5 – Disfarçado de humor



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha, a reflexão da criança negra mostra que “piadinhas” que apresentam ofensas racistas, feitas pelas pessoas, que são disfarçadas de humor e sempre seguidas de desculpas por ser ‘apenas uma brincadeira’, além de ofender os negros, reforça a existência do racismo estrutural.

Já o preconceito racial, outra categoria associada à ideia de raça, é “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (Almeida, 2021, pág.32).

O preconceito se faz presente quando, por exemplo, pessoas negras são vistas como potenciais criminosos, ou quando são consideradas inconfiáveis, apenas por serem negras, ou ainda, quando uma atitude considerada normal e cotidiana para qualquer pessoa, como andar em grupo em um shopping ou estar parado em uma esquina, “credenciam” os negros a serem potenciais suspeitos.

Vejamos a figura a seguir:

Figura 6 – Chapéu novo



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha apresentada, a criança negra se recusa a experimentar o chapéu em uma loja, para evitar que seja suspeita de querer furtá-lo. Existe, nessa situação, o estereótipo da pessoa negra com o crime de furto de objetos do interior de comércios, evidenciando uma manifestação de preconceito racial.

E por fim, a última categoria apresentada, a discriminação racial, é “a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (Almeida, 2021, pág.32).

A discriminação pode ocorrer de forma direta ou indireta. Ela é direta quando há repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, em virtude da condição racial, como, por exemplo, quando uma determinada loja se recusa a atender uma cliente por ela ser negra.

E, constitui-se como indireta, quando a situação específica de grupos minoritários é ignorada – é a discriminação de fato. Como exemplo, a manifestação conhecida como ‘cegueira da cor’ (*color blindness*), que é a crença na igualdade exclusivamente formal, ou seja, a crença na existência de apenas uma lei, universal e indistintamente aplicada a todos, independente de raça, cor, gênero ou crença, mas que, no entanto, na prática, essa lei universal e indistinta, acaba sendo seletiva e influenciadora na vida de minorias, como a comunidade negra, preservando as hierarquias raciais.

Vejamos a figura a seguir:

Figura 7 - Câmara de Vereadores



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

A tirinha ilustra um caso de discriminação racial e nos leva a refletir sobre a seguinte questão: se a população negra é a maioria no país, quase 56% do total, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder não deveria ser algo chocante?

Finalizando, percebemos que as práticas de discriminação racial levam, ao longo do tempo, à estratificação social, reduzindo as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material da população negra. Tais manifestações de racismo, preconceito e discriminação racial nos fazem pensar qual seria o nosso papel diante desses problemas que envolvem a sociedade. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. Segundo aponta o professor Silvio Almeida:

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2021, p.52)

Dessa forma, considerando toda a teoria que foi vista até aqui, no próximo capítulo apresentaremos a metodologia de pesquisa e, posteriormente, as análises de *corpus*.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### Introdução

Ao buscar descrever o tópico discursivo no gênero textual tirinha, este trabalho alinha-se às abordagens funcionalistas sobre o estudo da língua e da linguagem. Metodologicamente, o presente estudo seguirá um paradigma qualitativo, apresentando um caráter exploratório. Serão utilizadas, para a análise, 4 tirinhas do personagem Armandinho, produzidas pelo cartunista Alexandre Beck. Para este trabalho, foram escolhidas as tirinhas nas quais o personagem Camilo estivesse presente, por se tratar de uma criança negra, pobre e a cujo personagem se associam todos os problemas relacionados à cor da sua pele e à classe social a que pertence. Dessa forma, a dimensão do conteúdo temático, uma das características do gênero, foi relevante para a seleção do *corpus* e assuntos como racismo, preconceito e intolerância estão presentes nas discussões. Essa abordagem busca demonstrar que a teoria funcionalista é capaz de unir questões linguísticas a questões sociais, uma vez que a língua sofre, constante e naturalmente, as mais diversas pressões sociais.

#### 4.1 Procedimentos e categorias de análise

Buscando compreender como se apresenta o tópico discursivo no gênero tirinha, especificamente nas “Tirinhas do Armandinho”, que são formadas tanto por meio do texto verbal, quanto por meio de outras semioses, constituindo-se como multimodal por excelência, o presente trabalho seguirá um paradigma qualitativo, apresentando um caráter exploratório.

Tomando como referência Paiva (2019), este trabalho caracteriza-se por ser do tipo teórico, uma vez que se preocupa em estudar teorias, buscando contribuir com novos conceitos a partir de um objeto de análise – as tirinhas. Trata-se também, segundo a linguista, de uma pesquisa terciária, pois se utiliza de informações consolidadas, formadas tanto por fontes primárias (tirinhas que formam o *corpus* da pesquisa), quanto por fontes secundárias (consulta a materiais bibliográficos físicos e digitais que constituem os dados e o referencial teórico). Além disso, trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, que pode ser assim classificada por apresentar fatores sociais, políticos, ideológicos, além de técnicos, que cercam os sujeitos estudados. Nesse tipo de pesquisa, procuramos apreender dimensões subjetivas e individuais, que nem sempre estão presentes em estudos quantitativos.

Ainda segundo Paiva (2019), a presente pesquisa se caracteriza por ser de natureza básica, tendo, por objetivo, propiciar o aumento do conhecimento científico em relação aos temas aqui analisados, sem se preocupar, necessariamente, em aplicar o conhecimento alcançado à resolução de um problema específico. No entanto, espera-se que as análises realizadas nesta pesquisa, possam contribuir para os estudos linguísticos, principalmente, para o estudo do tópico discursivo.

Consideramos que o estudo do gênero tirinha apresenta características próprias e que pode haver uma relação direta entre o funcionalismo e o estudo do tópico discursivo, pelo fato de ambos explorarem o contexto e os conhecimentos prévios do leitor sobre o assunto. Nesse viés, este trabalho fundamenta-se também na teoria funcionalista, que concebe a linguagem como um instrumento de interação social, analisando a relação entre linguagem e sociedade e fundamentando-se no fenômeno da referencialidade, permitindo que o texto se desenvolva continuamente, de forma a contribuir para que haja coerência textual. Dessa forma, o funcionalismo e a referencialidade trazem um grau de importância para este estudo, uma vez que, a descrição da categoria tópico discursivo será realizada em um *corpus* de circulação social.

#### **4.2 Descrição do processo de escolha e definição do *corpus***

A escolha do *corpus* deste trabalho não ocorreu de forma aleatória. Buscando evidenciar a relação existente entre linguagem e sociedade, alicerçada pela teoria funcionalista, procuramos, após optarmos por descrever como ocorre o tópico discursivo no gênero tirinha, e já definidas as “Tirinhas do Armandinho” como material para este estudo, escolher, dentro da obra do cartunista Alexandre Beck, tirinhas que abordassem temas relacionados ao racismo, à discriminação racial e ao preconceito racial, com o intuito de analisar como se manifestam esses temas no material selecionado. Encontramos as tirinhas do Armandinho disponíveis nos *sites* “<http://tirasbeck.blogspot.com>” e “<http://facebook.com/tirasarmandinho>”, sendo importante ressaltar que conseguimos a licença do autor, Alexandre Beck, para realizar divulgações, análises e estudos sobre o material.

Foram selecionadas, inicialmente, 30 tirinhas, nas quais o personagem Camilo estivesse presente, observando as estratégias utilizadas em relação à organização tópica. Num segundo momento, selecionamos 20 tirinhas, entre as 30 escolhidas anteriormente, priorizando os textos em que a organização tópica apresentasse estratégias diversas e também que o personagem Camilo fosse mais atuante e/ou que o conteúdo da narrativa tivesse relação direta com ele. Assim, das 20 tirinhas selecionadas, escolhemos 10, que, além de apresentarem os requisitos

anteriores, apresentassem também, em seu conteúdo, semioses verbais e não verbais que contribuíssem para a análise da organização tópica. E, finalmente, das 10 tirinhas que foram separadas, selecionamos 4 delas, observando, como critério final, as estratégias para a organização tópica.

Julgamos que as 4 tirinhas selecionadas constituem material de análise suficiente para descrever as estratégias usadas para a construção do tópico discursivo nesse gênero e para analisar como se manifesta o racismo nessas tirinhas, uma vez que o material escolhido apresenta diferentes semioses (verbais e não verbais), assuntos sobre raça, diretamente ligadas ao personagem Camilo, e narrativas provocativas, que estimulam a reflexão e a discussão sobre racismo, preconceito racial e discriminação racial.

### **4.3 O caráter da pesquisa**

Segundo Eduardo Borba Neves (2007), a pesquisa se inicia com a definição de um objeto de estudo, porém, alguns pesquisadores advogam que o estudo se inicia sempre quando se procura saber o porquê das coisas. Nessa linha, ao analisar as tirinhas do Armandinho, visamos entender o tópico discursivo presente em um gênero textual no qual predominam os textos multimodais - que associam imagem e escrita - além de se constituírem, em sua maioria, como textos divertidos, de fácil e rápida leitura, que vão além do entretenimento, e que propiciam diferentes reflexões acerca de temas sociais, políticos e culturais, como os que são apresentados no *corpus* deste trabalho.

O presente trabalho pretende, como objetivo geral, descrever as estratégias utilizadas para a construção dos tópicos discursivos nas tirinhas do *Armandinho*, a partir dos pressupostos teóricos funcionalistas. Como objetivos específicos, o trabalho pretende: (i) compreender a noção de tópico discursivo; (ii) categorizar os tópicos discursivos presentes no corpus analisado e (iii) analisar como se manifesta o racismo, pela abordagem funcionalista, tomando o personagem Camilo como motivador do discurso sobre temas ligados à raça.

A pesquisa procura também categorizar o tópico discursivo presente no *corpus* e analisar como se manifesta o racismo nas narrativas selecionadas, tomando o personagem Camilo, amigo de Armandinho, representado como uma criança negra, pobre e moradora da periferia, que convive com problemas sociais, como principal motivador do discurso sobre temas ligados à raça, que acompanham as análises. Estas ocorrem não somente relacionadas à semiose verbal, mas também ao conjunto de semioses que constituem esse gênero textual.

#### 4.4 Descrição do *corpus*

O *corpus* da análise deste estudo é constituído pelo conjunto de 4 tirinhas, conhecidas como “Tirinhas do Armandinho”<sup>4</sup>, de autoria do quadrinista e ilustrador Alexandre Beck<sup>5</sup>. O autor das tirinhas, Alexandre Cechetto Beck, nasceu na capital de Santa Catarina, Florianópolis. Formado em Agronomia e Comunicação Social, é também jornalista-ilustrador, tendo trabalhado por mais de cinco anos no Diário Catarinense (de 2000 a 2005), onde fez suas primeiras tirinhas, decidindo, em seguida, trabalhar como ilustrador autônomo. Beck é proprietário de uma empresa de comunicação e trabalha, principalmente, com materiais educativos no formato de história em quadrinhos para prefeituras, secretarias de educação, fundações de meio ambiente, Polícia Ambiental e Defesa Civil. Já produziu mais de 50 revistinhas educativas completas (roteiros, desenhos e diagramações) com impressão total superior a 5 milhões de unidades, sempre gratuitamente distribuídas por empresas e órgãos públicos, tendo, em 1985, recebido seu primeiro prêmio na Bienal Internacional de Kanagawa, no Japão.

Beck utiliza em seu trabalho o gênero tirinha, que se insere no sistema dos quadrinhos nas *kid strips*, que são tiras em quadrinhos nas quais os personagens são crianças, a exemplo das conhecidas tirinhas dos personagens *Calvin* (do norte-americano, Bill Watterson) e *Mafalda* (do argentino, Quino). Seguindo essa linha, Alexandre Beck criou, em poucas horas, em 9 de outubro de 2009, o personagem *Armandinho*, que foi ilustrado para um trabalho urgente em uma matéria de economia doméstica sobre pais e filhos, que seria publicado, no dia seguinte, no Diário Catarinense. A criação, a princípio despreziosa, resultou em êxito e passou a ter espaço permanente no jornal. O nome do personagem, “Armandinho”, foi escolhido em uma eleição, por meio de um concurso, e tem sua origem ligada ao fato de o menino estar sempre “armando” alguma coisa, tanto nas suas atitudes, quanto nos seus discursos. Atitudes e discursos, aliás, sempre pertinentes, relevantes, críticos e questionadores em relação aos comportamentos, costumes e problemas da sociedade.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/>>. Acesso em 20 mar. 2022.

<sup>5</sup>REVISTA TRIP UOL. Alexandre Beck, O Pai de Armandinho. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/webstories/alexandre-beck-o-pai-do-armandinho>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Apesar das criações de Alexandre Beck seguirem o formato para a divulgação em jornais, o que diferencia a produção das tirinhas do ilustrador é a ampla divulgação nas redes sociais, *blogs* e sites. Beck faz uso da mídia eletrônica para inserir sua produção editorial em espaço digital, criando, divulgando e demarcando sua obra nesse campo de produção textual, no qual obtém amplo reconhecimento de suas qualidades artísticas, podendo manifestar sua expressão literária e podendo se posicionar política e socialmente.

A produção, *Tirinhas do Armandinho*, é uma obra em quadrinhos, que apresenta como tema central, histórias do cotidiano de um pequeno garoto, de aproximadamente sete anos de idade, cabelos azuis e com personalidade questionadora e crítica, que tem, como improvável animal de estimação, a companhia de um sapo. As tirinhas têm algumas particularidades, sendo que uma delas chama a atenção do leitor: o fato dos adultos serem sempre retratados apenas pelas suas pernas, ou da cintura para baixo. Além de apresentar Armandinho como personagem principal, as tirinhas apresentam outros personagens, amigos dele, que o acompanham nas suas indagações sobre o mundo. Entre eles: Fê, Pudim, Ana, Etienne e Camilo – esse último, de extrema importância para o presente trabalho.

Camilo, um dos amigos do Armandinho, é uma criança negra, que usa óculos e cabelo “*rastafári*”. Mora em uma comunidade pobre da periferia (como é deixado claro em diversas histórias) e “enfrenta” todos os problemas relacionados à cor da sua pele e à classe social a que pertence. Camilo está sempre presente nas tirinhas que tematizam assuntos como racismo, preconceito e intolerância, levantando questões sobre esses temas e despertando reflexões necessárias a serem discutidas, uma vez que, tais assuntos estão cada vez mais expostos no nosso cotidiano.

Nesta pesquisa, optamos por analisar as tirinhas em que o personagem Camilo participa de forma ativa, uma vez que a temática ‘racismo’ muito presente na sociedade atual, também se constitui como uma temática abordada pelo autor. A seguir, apresentaremos a motivação para a escolha do *corpus*.

#### **4.5 A motivação para a pesquisa**

Segundo afirma Chizzotti<sup>6</sup> (2005, p. 80), “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”. A dúvida que

---

<sup>6</sup>CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Pesquisa Qualitativa. Parte II, v. 141, p. 77- 88.

surge a partir de uma determinada questão leva à formulação de um problema de pesquisa, tendo como elementos indispensáveis: a curiosidade, a iniciativa, a disposição e o raciocínio lógico. Ao aplicar esse raciocínio a esta pesquisa, observamos que a dúvida gerada ao buscar entender como ocorre o estudo do tópico discursivo no gênero tirinhas, levou à elaboração do seguinte problema: como são construídos os tópicos discursivos nas tirinhas do Armandinho? E, na curiosidade e na disposição em tentar solucioná-lo, nos deparamos com questões sociais, políticas e culturais, que se encontram imersas na riqueza textual e contextual das tirinhas, material de análise deste estudo.

Dessa forma, ao realizar o estudo do tópico discursivo - tendo como fundamento a teoria funcionalista – nos deparamos com a possibilidade de estudar a linguagem como instrumento de interação social, capaz de analisar a relação entre linguagem e sociedade e capaz de refletir sobre os problemas preconceituais e discriminatórios, relacionados à ideia de raça, buscando assim, retomar, contribuir e ampliar os conhecimentos linguísticos e extralinguísticos do leitor.

Essa motivação faz-se necessária, pois, segundo o professor Silvio Almeida, “em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como ‘normais’ em toda a sociedade” (Almeida, 2021, p. 48). Seguindo essa linha, ao descrever o tópico discursivo nas tirinhas do Armandinho, ou mais especificamente para este trabalho, pedindo licença ao autor, nas “tirinhas do Camilo”, buscamos não somente responder como se apresenta o tópico discursivo no gênero tirinha, em uma perspectiva funcionalista, mas também, buscamos analisar como se manifesta o racismo nesse gênero textual.

Por tudo isso, acreditamos também que este trabalho poderá contribuir com as pesquisas em linguística, não somente por procurar descrever e categorizar o tema tópico discursivo, ao analisar o gênero tirinhas, mas também, por evidenciar o tema “racismo”, podendo servir como assunto de discussões promovidas nas escolas e centros de ensino, e ainda, contribuir para a produção de materiais didáticos a serem utilizados nas aulas de Língua Portuguesa.

#### **4.6 Análise dos aspectos**

O *corpus* deste trabalho, formado pelas tirinhas do Armandinho, apresenta em sua constituição, além dos elementos linguísticos, entendidos como recursos verbais (sendo, nas tirinhas, representados pelas falas dos personagens), outras semioses, como desenhos e

ilustrações, tipo e tamanho da fonte, cores, balões, distribuição e hierarquização da informação, onomatopeias, diagramação, entre outros. Foi a partir do conjunto desses aspectos, que procuramos realizar a análise do tópico discursivo e serão utilizadas as categorias Tópico Novo (TN), Tópico Dado (TD), Subtópico (Subtop) e Tópico Retomado (TR), a partir dos estudos de Dik (1989). Para o autor, o Tópico Novo diz respeito à entidade apresentada pela primeira vez no discurso; o Tópico Dado é considerado uma vez que a entidade em questão já tenha sido introduzida no discurso, no texto ou na memória; o Subtópico é entendido quando se continua a falar não somente de um tópico que já tenha sido introduzido no discurso, mas, também, de outras entidades inferíveis dele como disponíveis para o ouvinte e o Tópico Retomado indica o Tópico Dado que, não tendo sido mencionado por um certo tempo, pode ser reativado e restabelecido como Tópico Dado.

Ao analisarmos o *corpus*, procuramos identificar elementos presentes nas tirinhas, como as ilustrações dos personagens que contribuem para a organização tópica. Nesse aspecto, podemos diferenciar o personagem Camilo dos demais, ao identificá-lo por meio de suas características físicas, como: traços da raça negra, cor da pele e cabelo *rastafári*, e diferenciá-lo do personagem Armandinho, por exemplo, que apresenta os cabelos azuis e a pele branca. Conseguimos também, por meio das ilustrações, diferenciar as crianças dos adultos que participam das narrativas. O aspecto principal que mostra a presença de um adulto é que ele é representado apenas pelas pernas, ou seja, as ilustrações dos adultos são feitas apenas “da cintura para baixo”. Podemos também, por meio das ilustrações dos personagens adultos das tirinhas, identificar qual seria a ocupação ou a profissão deles, que são, na maioria das vezes, retratadas pelas peças de roupa usadas por eles (terno, uniforme, tipo de calçado, acessórios, etc.), ou mesmo, podemos identificar em qual meio estes adultos estariam inseridos, ou ainda, identificar em que local a história ocorre, podendo ser em uma casa, em uma passeata, em um ambiente escolar, ou um local público, como a praia, uma loja, ou mesmo, na rua.

Por meio da figura 8, a seguir, podemos identificar alguns aspectos apontados anteriormente, com o intuito de tornar mais fácil o entendimento.

Figura 8 – A carona



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

No exemplo apresentado, além da análise dos elementos linguísticos, procedemos também à análise de outras semioses. Por meio das ilustrações dos personagens, conseguimos reconhecer o personagem Camilo, ao perceber a cor da pele preta e o cabelo com tranças *rastafári*, indicando ser uma criança negra. Percebemos também que Camilo está usando máscara e protetor facial, indicando que a tirinha foi feita durante a pandemia da Covid-19. Podemos perceber também a presença, no terceiro quadrinho, de dois adultos, representados apenas pelas suas pernas. Pela ilustração desses adultos, conseguimos identificar um deles como um profissional da segurança pública, como um policial, por exemplo, uma vez que ele está uniformizado, estando nítidos os seus coturnos e o seu coldre, além da calça tática militar. Notamos também que se trata, o outro adulto, de uma mulher, pela silhueta do corpo, seu tipo de roupa e a bolsa que leva como acessório. Na tirinha, observamos ainda um carro ao fundo, provavelmente a viatura policial, que, em conjunto com a fala dos personagens, serve como reforço para o entendimento da narrativa.

Apresentamos mais uma tirinha para mostrar como os elementos visuais mostraram-se importantes na análise do tópico discursivo:

Figura 9 – O vício



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha apresentada acima, as ilustrações são novamente muito importantes para a análise do tópico discursivo. A representação de personagens adultos é evidenciada pela ilustração das pernas somente, ou pela ilustração de uma pessoa “da cintura para baixo”. Outro elemento que ajuda no entendimento da narrativa é o traje usado por cada um dos personagens adultos: o primeiro deles, que é representado no primeiro e no segundo quadrinho, remete a uma pessoa pobre (provavelmente um mendigo ou morador de rua), que se veste com calças e sapatos rasgados e em mau estado. O próximo personagem, que aparece no segundo quadrinho, remete a um militar ou a um agente de segurança, fato que pode ser comprovado pelo seu uniforme (calça camuflada e coturno até o joelho). Já o terceiro personagem adulto, que aparece no terceiro quadrinho, remete o leitor a tratar-se de uma pessoa importante (que poderia ser uma autoridade ou um político, por exemplo), podemos chegar a essa conclusão pelo fato do personagem usar terno com gravata e sapatos sociais novos. Podemos também nos atentar para os pequenos traços verticais ilustrados próximos às pernas do mendigo, que indica um estado trêmulo do personagem, reforçando sua insegurança e seu estado de humildade. Destacamos também a posição das pernas dos personagens retratados, no segundo quadrinho, que mostram, apenas por meio da ilustração, que o militar está enxotando o mendigo daquele local.

Assim, uma vez apresentados quais e como foram os procedimentos metodológicos usados neste trabalho, iniciaremos a análise das tirinhas selecionadas e a apresentação dos resultados.

## 5 ANÁLISE DE *CORPUS* E RESULTADOS

O objetivo deste capítulo é o de apresentar a análise e a discussão dos dados de modo a descrever o tópico discursivo nas tirinhas do *Armandinho*. As discussões estão ancoradas em uma perspectiva funcionalista, uma vez que essa abordagem auxilia na interpretação de situações que ocorrem, não somente no interior do texto, mas também, nos diversos fatores contextuais que o cercam, tais como: as circunstâncias em que o intercâmbio verbal ocorre, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos que são compartilhados entre eles, o conjunto de antecedentes de uma determinada situação de fala, bem como a visão de mundo dos interlocutores e suas pressuposições. Trata-se de uma abordagem que estuda a linguagem nos contextos de interação social, permitindo que se faça uma análise de como se manifestam elementos como o racismo, o preconceito racial e a discriminação racial, o que estabelece uma relação entre linguagem e sociedade.

### 5.1 A análise da figura 10: “Nota fiscal”

Apresentamos a figura a ser analisada:

Figura 10 - Nota fiscal



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

A tirinha apresentada (figura 10) ilustra uma situação em que os personagens, Armandinho e Camilo, estão sendo abordados por um policial. Ao analisarmos as ilustrações da tirinha, percebemos que, além das duas crianças, há a presença de um adulto, representado no primeiro e terceiro quadrinhos “da cintura para baixo”, característica dos traços do cartunista. Podemos deduzir tratar-se de um policial, ao analisar o seu uniforme: botas militares, calça tática e coldre de perna. Percebemos que há uma interação em curso, pois a narrativa inicia com Armandinho respondendo “*sim! Claro que são nossas*” e inferimos que o policial

teria, anteriormente, questionado se as bicicletas pertenciam às crianças. Trata-se de um subtópico (Subtop), inferível pelo leitor a partir da análise da resposta de Armandinho e da representação imagética das bicicletas, uma vez que cada criança leva consigo uma bicicleta. É importante destacar que as semioses não verbais, aliadas à resposta de Armandinho, contribuem para que o leitor perceba que o questionamento sobre as bicicletas já havia sido feito pelo policial, portanto a cena constitui-se como continuidade de um tópico já introduzido e inferível para o leitor.

Dik (1997) esclarece que a identificação de um referente pode ser efetuada pelo fato de “estar perceptivelmente disponível na situação” comunicativa. Apesar de a indagação do policial não estar explícita no texto, a postura do policial voltada para os meninos, associada à imagem das duas crianças segurando suas bicicletas e a primeira fala de Armandinho, ao responder para o policial “*Sim! Claro que são nossas!*”, possibilita ao leitor perceber que o policial havia questionado se as bicicletas, que estão com as crianças, pertenciam a elas. Na narrativa, dando continuidade à abordagem, o policial questiona, em seguida, se os meninos levavam consigo a nota fiscal das suas bicicletas. Podemos também classificar, seguindo o modelo de Dik (1997), a expressão “a nota fiscal” como um subtópico do tópico bicicletas, uma vez que a nota fiscal é um documento que comprova a compra e consequente propriedade de um produto. A expressão “nota fiscal” é trazida, também, no segundo e no terceiro quadrinhos, a partir do questionamento do personagem Armandinho. Trata-se, portanto, de um Tópico Dado (TD), pois o termo “nota fiscal” já havia sido introduzido no discurso. No terceiro quadrinho, há outra referência ao termo “nota fiscal”, na fala de Camilo, quando ele diz “*Aqui, O senhor!*”, e entrega um papel para o policial. Em relação aos recursos verbais, ocorre uma elipse do termo “nota fiscal” no texto escrito, uma vez que a semiose imagética representa o documento solicitado pelo policial.

A repetição do tópico discursivo “nota fiscal” sustenta a progressão tópica, mantendo a coerência do discurso no texto, uma vez que os participantes da história - o policial, Armandinho e Camilo – estão envolvidos numa mesma ação, que é a abordagem policial. Segundo os estudos do Grupo de Organização Textual-Interativa para a elaboração da Gramática do Português Falado (PGPF), uma das estratégias usadas para a construção textual e, consequentemente, para a descrição dos tópicos discursivos, é a repetição. Segundo Marcuschi (2006), a repetição é uma estratégia de formulação textual, que, do ponto de vista da categoria linguística do elemento repetido, pode ser fonológica, de morfemas, de itens lexicais, de construções suboracionais e oracionais. Entendemos, então, que a estratégia da repetição se torna relevante para a identificação de um tópico discursivo, pois atua na

construção de uma centração tópica, instituindo relações pertinentes com a matriz, que é a primeira entrada da palavra no segmento tópico.

Pragmaticamente, o item nota fiscal é um exemplo do emprego da repetição na afirmação da centração tópica, uma vez que seus aparecimentos sucessivos, no primeiro, segundo e terceiro quadrinhos da tirinha, diante da solicitação do policial e dos questionamentos de Armandinho, funcionam, no gênero tirinha, como forma de causar estranhamento ao leitor sobre a solicitação de uma nota fiscal das bicicletas que as crianças levam consigo. Podemos identificar, ainda, o emprego da repetição em relação à semiose imagética em dois elementos: o uniforme do policial e as bicicletas das crianças. As ilustrações reforçam, respectivamente, a autoridade policial na abordagem e o objeto que as crianças levam consigo, objeto da abordagem policial.

Além disso, o contexto sociocognitivo interacional possibilita ao leitor identificar as informações inferidas nos quadrinhos, de modo que é preciso que ele, leitor, necessite recuperar fatos que estão além da estrutura textual apresentada para construir sentido para a tirinha. Essa sensação de estranhamento, diante da abordagem policial, fica evidenciada nas falas de Armandinho e nos sinais de pontuação que seguem sua fala, no segundo quadrinho, ao interpelar com tom de surpresa, “*nota fiscal?!*”. Mantendo a análise, o questionamento continua na fala de Armandinho, no terceiro quadrinho, quando a criança pergunta “*mas quem ia carregar uma nota fiscal?*”, evidenciando que não se trata de um ato comum levar consigo a nota fiscal de bicicletas e que ninguém segue esse costume, principalmente tratando-se de crianças.

O estranhamento diante da solicitação do policial – uma vez que não é comum um policial abordar crianças que estão brincando com as bicicletas - e do fato de o policial cobrar a apresentação das notas fiscais dos brinquedos, contribuem para que o leitor construa a coerência global para o texto e perceba que o objetivo da tirinha é o de efetuar uma crítica a uma situação de preconceito racial, que, segundo definição do professor Silvio Almeida, caracteriza-se como “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (Almeida, 2021, p. 32). No terceiro quadrinho, a atitude e a fala do personagem Camilo, que é a representação do personagem negro e pobre, ao apresentar a nota fiscal que trazia consigo, para o policial, contradiz o questionamento de Armandinho e evidencia que algumas pessoas ainda precisam comprovar que não furtaram um determinado objeto que levam consigo.

O desfecho cômico (ou a depender do ponto de vista, poderíamos dizer, o desfecho nada

cômico), que traz consigo uma forte crítica social, só é entendido se o leitor ativar seus conhecimentos prévios sobre o Racismo Estrutural, que foi gerado pela herança discriminatória da escravidão (aqui incluídas todas as relações baseadas na ideia de inferioridade dos negros que foram transmitidas), em conjunto com a falta de medidas e ações que integrassem os negros na sociedade, como políticas de assistência social ou de inclusão racial no mercado de trabalho, culminando em situações preconceituosas e discriminatórias que estão enraizadas na sociedade. Na figura 10, na abordagem policial a duas crianças, sendo uma branca e outra negra, percebe-se a diferença de comportamento e de reação dos dois meninos em relação à atitude do policial: enquanto Armandinho, a criança branca, demonstra indignação e questiona a autoridade policial, Camilo, a criança negra, limita-se a atender imediatamente a solicitação do policial, mesmo tratando-se de uma situação incomum - portar a nota fiscal de uma bicicleta durante um passeio com um amigo.

O quadro remete a um exemplo de preconceito racial. Dessa forma, considerar uma criança negra inconfiável ou suspeita, a ponto de exigir a confirmação da propriedade de uma bicicleta por meio da apresentação de uma nota fiscal, como no exemplo da figura 10, seria um exemplo evidente de preconceito racial. Tal fato fica claramente demonstrado na tirinha, que procura demonstrar como episódios de discriminação racial, como o criado pelo cartunista Alexandre Beck, no exemplo analisado, no qual o policial suspeita de quem seria o verdadeiro dono das bicicletas, por haver uma criança negra na posse de uma delas, ainda acontecem comumente no nosso cotidiano.

Assim, procuramos resumir, no quadro 1, os aspectos linguísticos e extralinguísticos analisados na figura 10, apresentando as semioses, os elementos e os exemplos:

Quadro 1 – Aspectos analisados na figura 1

<b>SEMIOSES</b>	<b>ELEMENTOS</b>	<b>EXEMPLOS</b>
verbal	Repetição	Termo “nota fiscal” repetido nos 3 quadrinhos

verbal	Centração tópica	Causada pelo termo “nota fiscal” repetidamente, causando estranhamento
imagética	Repetição	Uniforme do policial e bicicletas das crianças
verbal	Progressão tópica	Sustentada pela repetição do termo “nota fiscal” nos 3 quadrinhos
verbal	Tópico Novo (TN)	Nota fiscal (no 1º quadrinho)
verbal	Tópico Dado (TD)	Nota fiscal (no 2º e 3º quadrinhos)
verbal	Subtópico	Nota fiscal é subtópico do tópico “bicicletas”
verbal	Elipse	elipse do termo “nota fiscal” no texto escrito, preenchido pela semiose imagética do documento apresentado por Camilo ao policial, no 3º quadrinho
Sinal gráfico	Sinais de pontuação	Ponto de interrogação seguido de ponto de exclamação, no 2º quadrinho, indicando surpresa e estranhamento
	Inferenciação	Abuso e desconfiança policial quando da cobrança das notas fiscais das bicicletas
imagética	Ilustração (situa o leitor no contexto)	Crianças com suas bicicletas
imagética	ilustração	Policial representado somente pelas pernas
imagética	Ilustração (características)	Uniforme (calça tática, botas militares e coldre) indicando ser um policial
imagética	cores	Diferença da cor da pele entre Armandinho (branco) e Camilo (negro)

imagética	Ilustração e cores	Tipos de cabelos: Armandinho (cabelo azul) e Camilo (cabelo <i>rastafári</i> )
imagética	ilustração	Postura e posição do policial indicam abordagem direta às crianças
imagética	Ilustração (como complemento do texto)	Documento na mão de Camilo, indicando tratar-se da nota fiscal de sua bicicleta

Fonte: Do autor (2024)

## 5.2 Análise da figura 2 (reapresentada no texto): “A terceirização”

Apresentamos a figura a ser analisada:

Figura 2 - A terceirização (reapresentada)



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na figura 2, o personagem Pudim conversa com Armandinho e informa ao amigo sobre a terceirização das empresas e suas consequências. O texto do primeiro quadrinho situa o leitor sobre o assunto abordado, fazendo uso do termo “terceirização”, de grande importância para a produção das inferências, conforme foi apontado por Marcuschi (2007), uma vez que desperta o contexto em que a tirinha está inserida - a terceirização das empresas - e situa o leitor em um campo socioeconômico - objetivo do cartunista. Além disso, o referente “a terceirização” ocupa posição de destaque, uma vez que possui função de tópico na fala do personagem Pudim. Assim, o sintagma nominal “terceirização” configura-se como Tópico Novo (TN), introduzido pela primeira vez no discurso.

Analisando os demais tópicos discursivos, seguindo o modelo de categorização tópica

de Dik (1997), observamos que o tópico “a mão de obra” (que aparece no segundo quadrinho) está relacionado ao tópico “a terceirização”, configurando-se como um subtópico (Subtop) que pode ser inferido, uma vez que a terceirização consiste na contratação da empresa para a realização de um determinado serviço, o que requer mão de obra. Ambos, “a terceirização” e “a mão de obra” são marcados pelo artigo definido “a”. Observamos que a definitude do tópico, tanto do TN quanto do Subtop, indiciam uma referência identificadora, uma vez que se espera que o leitor esteja, de algum modo, ciente quanto ao tema central da tirinha: as mudanças que podem ocorrer diante da terceirização das empresas.

No terceiro quadrinho, Armandinho indaga “*o que é a mão de obra*”, retomando um tópico que já havia sido introduzida no discurso. Trata-se, portanto, de um Tópico Dado (TD). Há ainda uma terceira referência em relação à mão de obra, quando o personagem Camilo responde à pergunta feita por Armandinho. Ocorre aqui uma elipse do termo “mão de obra”, uma vez que Camilo responde à pergunta feita por Armandinho de forma direta, não retomando o termo que está no mesmo quadrinho da tirinha: “*Ø são as pessoas que trabalham*”. Porém, fica claro que o personagem Camilo responde o que seria “mão de obra”, de forma direta.

Observamos ainda na tirinha apresentada, a paráfrase como estratégia de construção textual, observada a partir dos estudos do PGP (Projeto de Gramática do Português Falado). A paráfrase está presente no 3º quadrinho, quando o personagem Camilo responde à pergunta feita pelo personagem Armandinho, sobre o que seria mão de obra. Camilo responde como sendo “*as pessoas que trabalham*”. Respondendo de forma inusitada, Camilo reformula o conceito de mão de obra, criando um novo enunciado, ou um novo sentido para o termo “mão de obra”, apresentado de maneira diferente ao que se esperava. Tal fato tem o papel de comicidade para o desfecho da tirinha.

Para que seja entendido o tema que está sendo apresentado na tirinha da figura 2, é preciso identificar quais são as informações inferidas nos quadrinhos. Para isso, a partir dos tópicos discursivos destacados na tirinha - *terceirização* e *mão de obra* – e observando o desânimo do personagem Camilo, ao responder que “mão de obra” seria “as pessoas que trabalham”, diante do fenômeno terceirização que o personagem Pudim apresenta, de forma empolgada, podemos perceber que falar sobre raça e economia é essencialmente falar sobre desigualdade.

Tal fato pode ser comprovado no texto, quando analisamos as falas de Pudim, que informa que “a terceirização vai tornar as empresas mais competitivas” e que “a mão de obra vai ficar mais barata”. Sabemos que a expressão “mão de obra barata” diz respeito à desvalorização do trabalhador empregado nas empresas, ao serem mal remunerados e ao terem

seus direitos trabalhistas reduzidos. A “mão de obra barata” indica aumento no lucro ou ganho de dinheiro para os donos das empresas, que contratam trabalhadores capazes de fazerem o serviço, mas que, porém, não receberão salários justos ou bem pagos pelo serviço prestado, o que se transformaria apenas em lucro para a empresa. Seguindo esse raciocínio, mais trabalhadores poderiam ser contratados pela empresa, tornando-a mais competitiva, uma vez que a produção tenderia a aumentar.

Na tirinha, o termo “pessoas que trabalham”, pela prática da inferenciação, remete à situação dos trabalhadores das classes sociais mais baixas e menos privilegiadas, analisado segundo Marcuschi (2007), que aponta a inferenciação como toda e qualquer prática que envolva algum tipo de raciocínio. Sabe-se que, em sua maioria, as classes baixas no país são formadas principalmente por negros, pobres e por pessoas de pouca escolaridade. Uma vez que a fala em destaque parte do personagem Camilo, ao ficar preocupado com a novidade trazida pelo seu amigo, Pudim, e demonstra uma preocupação vivenciada por Camilo, personagem negro e pobre, percebemos que o desânimo dele surge diante da percepção de uma transformação que poderá ocorrer na vida das pessoas pertencentes à classe baixa. Essa transformação ocorrerá devido à implantação da terceirização nas empresas. Podemos assim inferir que a desigualdade racial é um elemento constitutivo das relações de mercado e de classe, sendo que a modernização e o desenvolvimento da economia (aqui representados pela terceirização) podem representar momentos de adaptação dos parâmetros raciais a novas etapas de acumulação capitalista.

Nesse viés, ao nos remetermos a Sílvia Almeida (2021), o professor aponta que o crescimento econômico pode ser considerado o aumento da produção e do lucro, não implicando necessariamente aumento de salário. Segundo ele, o racismo pode ser uma excelente tecnologia de controle social por “naturalizar” o pagamento de salários mais baixos para trabalhadores pertencentes a grupos minoritários. Desta forma, segundo o renomado professor, o racismo, temática explorada no *corpus* desta pesquisa, normaliza a superexploração do trabalho ao pagar uma remuneração abaixo do necessário para manter a dignidade do trabalhador, ou, nos dizeres de Camilo, das “pessoas que trabalham”.

Assim, procuramos resumir, no quadro 2, os aspectos linguísticos e extralinguísticos analisados na figura 2, apresentando as semioses, os elementos e os exemplos:

#### Quadro 2 – Aspectos analisados na figura 2

SEMIOSES	ELEMENTOS	EXEMPLOS
verbal	Centração tópica	Termo “terceirização”, no 1º quadrinho
verbal	Referentes	Terceirização; mão de obra
verbal	Tópico Novo (TN) e Subtop	Termo “terceirização” (TN) e “mão de obra” (Subtop), no 2º quadrinho
verbal	Definitude (Tópico Novo definido)	Marcada pela presença do artigo “a”, nos exemplos de “a terceirização” e “a mão de obra”, no 1º e no 2º quadrinhos
verbal	Tópico Dado (TD)	Termo “mão de obra”, no 3º quadrinho
verbal	Elipse	elipse do termo “mão de obra” no texto escrito, dando continuidade à pergunta feita por Armandinho, no 3º quadrinho
verbal	Paráfrase	Ocorre no 3º quadrinho, havendo reformulação do conceito de “mão de obra”, por um conceito equivalente “pessoas que trabalham”
verbal	Tempo verbal	“vai tornar” e “vai ficar”, no 2º e 3º quadrinhos, indicando alterações previstas com a implementação da

		terceirização e como ficará a mão de obra
	Inferenciação	Sobre o tema: Terceirização de empresas
imagética	Cores e características dos personagens da ilustração	Pelos traços e cores dados a cada personagem da tirinha, podemos fazer a distinção entre eles, identificando o personagem Camilo como uma criança negra
Sinal gráfico	Traço gráfico indicativo de fala	O traço sob os textos escritos da tirinha indica a quem pertence cada fala da narrativa
imagética	Ilustração	A postura dos personagens, Pudim e Armandinho, nos 3 quadrinhos (um de frente para o outro) indica que eles conversavam entre si.
imagética	Ilustração	A postura do personagem Camilo, no 3º quadrinho, indica que ele estava apenas observando a conversa entre as outras duas crianças, tendo se expressado apenas ao final.

Fonte: Do autor (2024)

### 5.3 Análise da figura 7 (reapresentada no texto): “Câmara de vereadores”

Apresentamos a figura a ser analisada:

Figura 7 - Câmara de vereadores (reapresentada)



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

A figura 7 apresenta a tirinha em um formato de apresentação visual diferente do padrão normal, uma vez que os quadrinhos não estão, todos eles, dispostos em uma linha horizontal, mas sim, em um formato em que os dois primeiros quadrinhos estão na primeira linha e o terceiro quadrinho em uma linha abaixo da primeira. Apesar da diferença apresentada, a sequência de leitura da tirinha não fica prejudicada, sendo possível manter o entendimento da narrativa acompanhando a sequência da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Notamos a presença de um personagem adulto, que discursa para duas crianças, que o ouvem atentamente. Analisando os elementos linguísticos e extralinguísticos da tirinha, percebemos que é um adulto que está discursando, por estar ele representado apenas pelas suas pernas (ilustração padronizada pelo cartunista Alexandre Beck). Percebemos também que este adulto ocupa um cargo político em um órgão público. Tal fato pode ser comprovado, pela análise linguística, quando o personagem diz “a nossa Câmara”, no 1º quadrinho, uma vez que o pronome possessivo “nossa” indica o pertencimento do personagem ao órgão público municipal. E também pelo uso do termo “vereadores”, no 2º quadrinho, que indica que o órgão

em questão é a Câmara Municipal, onde legislam os vereadores. Podemos comprovar, além desses elementos linguísticos, por meio dos elementos extralinguísticos, tratar-se de um político, ao notarmos, nas ilustrações do 1º e 3º quadrinhos, o uso de terno e de sapatos novos e lustrados, pelo personagem adulto.

Podemos também identificar que as duas crianças da tirinha são os personagens Camilo e Armandinho, mesmo estando elas usando máscaras faciais. Presumimos que a ilustração das crianças com máscaras ocorreu durante a pandemia da Covid-19, em que o uso de máscaras por todos se fazia necessário e tornou-se comum, naquele momento. O autor da tirinha usa o recurso da repetição (no 2º e 3º quadrinhos) para reforçar o uso das máscaras. Mesmo com os rostos semi-encobertos, podemos identificá-los por alguns elementos, como a cor da pele e a cor e tipo de cabelos – características marcantes dos personagens. Percebemos, pelas ilustrações, que o discurso é dirigido para as crianças pela posição corporal do político voltado para elas, indicado pela direção dos seus pés, como também, pela receptividade demonstrada pelas crianças, no 2º quadrinho, estando suas cabeças voltadas para cima, na direção do rosto do político.

Ao analisarmos a primeira fala do político, percebemos que ele cita a “Câmara” tendo como antecedente desse termo o pronome possessivo “nossa”. Dessa maneira, ao usar a expressão “nossa Câmara”, o político indica que ele faz parte do quadro de vereadores da Câmara Municipal e que está, naquele momento, fazendo uma apresentação e uma exaltação do referido órgão. O termo ‘Câmara’ é um referente. O político afirma que a Câmara não é racista (TN) e, na sequência, complementa a informação, indicando que há, na Câmara, “até vereadores negros”, como pode ser visto no 2º quadrinho. A expressão ‘vereadores negros’ é também um Tópico Novo (TN) e um Subtópico, apresentado pela primeira vez no discurso, sendo novamente referido, no 3º quadrinho, pelo pronome oblíquo ‘los’, sendo, nessa ocasião, um Tópico Dado (TD), pois já havia sido introduzido no discurso. Notamos que a referência, conforme apontada por Mondada (1995), trata-se da relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado, não se constituindo somente como uma relação representativa de coisas.

Ainda, ao nos atentarmos para o uso do termo “até” como advérbio de inclusão, apresentando o mesmo sentido de “inclusive, ainda ou também”, o termo remete a uma fala racista, que acaba passando de forma despercebida. A ausência ou a incidência diminuída de pessoas negras em espaços de poder, como em cargos de destaque nas Câmaras Municipais, por exemplo, seria, por si só, motivo para causar estranheza na sociedade brasileira, principalmente porque a população negra no país representa quase 56% do total, sendo a maioria. Dessa forma, como explicar que mesmo tendo um percentual elevado de negros no

país, apenas alguns deles ocupam posições de destaque? Nessa linha, o termo “até”, usado na tirinha, indica a presença de negros nesses ambientes, ainda que de forma diminuta, mas, procura, acima de tudo, indicar que não há racismo nesses ambientes, porque neles são permitidas ‘até mesmo’ a presença de pessoas negras.

Assim, pela prática da inferenciação, que se constitui em toda e qualquer prática que envolva algum tipo de raciocínio (Marcuschi, 2007), podemos analisar que a tirinha explora um tema delicado em relação à discriminação racial: a pouca representatividade do negro nos cargos políticos no Brasil. Tal fato é uma consequência da concepção estrutural do racismo. Se observarmos as relações raciais nas instituições do país, veremos que o racismo transcende ações individuais de manifestações racistas e se ancora na busca pelo poder, que procura impor a supremacia de um grupo sobre outro, ou, de uma raça sobre a outra. Nessa linha, esse racismo institucional revela que a imposição de regras e padrões racistas pelas instituições ocorre porque elas, as instituições, visam resguardar tais padrões e regras. As instituições apenas materializam uma estrutura social que exalta o racismo, ou seja, as instituições demonstram comportamentos racistas porque a sociedade é racista. Dessa maneira, se determinadas instituições apresentam, em sua estrutura, pouca representatividade de pessoas negras em cargos importantes, é porque regras e padrões internos, que refletem o desejo da sociedade, assim o querem. Não é algo criado pela instituição, mas, é algo por ela reproduzido, conforme explicitado pelo professor Silvio Almeida (2021).

Como consequência, algumas instituições políticas, como a Câmara representada na tirinha da figura 7, procuram limitar o racismo à representatividade. Apesar de ser essencial que tenha negros em cargos políticos importantes, a mera presença de pessoas negras em espaços de poder e de decisão não significa que a instituição não apresente comportamentos racistas. No entanto, o fato de ter alguns poucos negros ocupando cargos políticos faz parecer um padrão normal. A proporção da população negra em relação à população branca no país, indica que deveria ser, no mínimo, proporcionalmente acompanhada da quantidade de negros a ocuparem cargos de importância nas instituições. Esse fato nos leva à confirmação: o racismo é estrutural e coibi-lo, individual ou institucionalmente, torna-se uma missão para cada um de nós, que deveria lutar e exigir uma maior representação de pessoas negras nos cargos políticos do país.

Dando continuidade à análise, no 3º quadrinho, podemos identificar uma ideia de contradição, marcada pela conjunção adversativa “mas”, que inicia a fala do político. Na tirinha, a conjunção “mas” faz a oposição entre o fato de a Câmara ter, no seu corpo político, vereadores negros (procurando indicar que ela não é racista) e o fato de os demais vereadores estarem criando pretextos para cassar o mandato desses vereadores negros (manifestando o racismo).

Há ainda o uso do advérbio “já”, no último quadrinho, que indica que a criação de pretextos está sendo providenciada.

Outro elemento que reforça a ideia de contradição na tirinha é o sinal de pontuação. Observamos que as duas primeiras falas do político são seguidas pelo ponto de exclamação, indicando a empolgação e o entusiasmo do vereador ao explicar que não há racismo na Câmara. Já a última fala do político, é seguida pelas reticências, que reforça a contradição ao que foi anteriormente dito pelo vereador, além de promover o tom cômico (ou triste) para a conclusão da tirinha. Podemos observar também, na ilustração, que a contradição fica reforçada pela posição das cabeças das duas crianças, uma vez que, no 2º quadrinho, elas estão olhando para cima, atentas ao que é dito pelo vereador e, no 3º quadrinho, abaixam suas cabeças, indicando decepção e perplexidade diante da informação de que estão procurando cassar os mandatos dos vereadores negros na Câmara.

Assim, procuramos resumir, no quadro 3, os aspectos linguísticos e extralinguísticos analisados na figura 7, apresentando as semioses, os elementos e os exemplos:

Quadro 3 – Aspectos analisados na figura 7

<b>SEMIOSES</b>	<b>ELEMENTOS</b>	<b>EXEMPLOS</b>
verbal	Referentes	Câmara (de vereadores) e vereadores negros

verbal	Tópico Novo (TN) e subtop	Câmara (de vereadores) (TN) e Vereadores negros (subtop)
verbal	Tópico Dado (TD)	Pronome oblíquo “los”, presente no 3º quadrinho, refere-se ao tópico “vereadores negros” apresentados no 2º quadrinho
verbal	Pronome possessivo “nossa”	Presente no 1º parágrafo, indica o senso de pertencimento de quem fala. O personagemem questão, faz parte do quadro de políticos da Câmara.
verbal	Advérbio de negação “não”	Presente no 1º parágrafo, nega a existênciade posicionamento racista na Câmara de Vereadores
verbal	Termo “até”	Advérbio de inclusão e realce (na tirinha, funciona como justificativa para ter vereadores negros na Câmara)
verbal	Conjunção adversativa “mas”	Presente no 3º quadrinho, estabelece a relação de contradição entre o que é dito pelo vereador no 2º quadrinho
verbal	Advérbio “já”	Indica celeridade
Sinal gráfico	Sinais de pontuação	Pontos de exclamação (demonstra a empolgação do político)
Sinal gráfico	Sinais de pontuação	Reticências (indica uma continuidade do pensamento do político)

	Inferenciação	Inferimos que há pouquíssimos negros ocupando cargos políticos no Brasil, sendo considerado um exemplo de preconceito racial.
imagética	Ilustração	Personagem adulto e político: indicado pelo uso de terno e sapatos lustrados em personagem representado apenas da cintura para baixo, no 1º e 3º quadrinho
imagética	Ilustração	Postura do vereador voltado para as crianças: indica que está dirigindo seu discurso a elas
imagética	Ilustração	Máscaras faciais usadas pelas duas crianças: indicam que a tirinha foi criada na época da pandemia da Covid-19
imagética	repetição	Traje do político e máscaras faciais das crianças
imagética	Ilustração	Postura das duas crianças, no 2º quadrinho, olhando para o político: indica que as crianças estão atentas e receptivas ao que o vereador está dizendo
imagética	Ilustração	Postura das crianças no 3º quadrinho, olhares “perdidos no horizonte”: indica a frustração das crianças diante da declaração do vereador.

Fonte: Do autor (2024)

#### 5.4 Análise da figura 11: “Na praia”

Apresentamos a figura a ser analisada:

Figura 11 - Na praia



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Esta tirinha é constituída de apenas dois quadrinhos. Essa estratégia permite que o cartunista estabeleça uma ideia clara de oposição entre duas situações diferentes: no 1º quadrinho, podemos notar a alegria e a empolgação de duas crianças, Armandinho e sua amiga Fê, que se divertem brincando com o bote inflável no mar, enquanto que, no 2º quadrinho, notamos a situação de medo e preocupação de Camilo, a terceira criança da tirinha, que está cercada por três adultos que questionam, de forma ameaçadora, se a bolsa que Camilo leva nos braços pertence a ele. Trata-se de situações formadas por diferentes sentimentos vivenciados pelas crianças: alegria e liberdade, de um lado e medo e acumamento, do outro.

Em relação à organização tópica, a análise das semioses e os elementos da figura 11 possibilitam inferir que, no 1º quadrinho, o tópico abordado é sobre ‘diversão na praia’. Armandinho fala pra amiga que “*é demais!*”, quando percebemos que o garoto está exaltando a brincadeira que os dois fazem, na baleia inflável, como sendo muito divertida. Além disso, as expressões faciais de alegria das duas crianças apresentam, naquele momento, um enorme sorriso. Na sequência, Armandinho sugere ser a vez do amigo brincar com a baleia inflável, usando o nome ‘Camilo’, que é um referente no discurso. A sequência textual, que é mantida na transição do primeiro para o segundo quadrinho, se dá pela centração tópica, conforme aponta Jubran (2006), observado no termo ‘Camilo’, que é mantido de um quadrinho para o outro. A transição do 1º para o 2º quadrinho da tirinha é reforçada pela fala da personagem

Fê. A menina exclama que Camilo está na areia, indicando em que local ele está, com seu braço estendido, apontando para o amigo. Percebemos que Fê cita o amigo usando o pronome pessoal “ele” para se referir a Camilo, já citado anteriormente por Armandinho.

O 2º quadrinho se inicia com a continuidade da fala da personagem Fê chamando pelo amigo: “*Vem, Camilo!*”. Tal fato mostra que as duas crianças brancas, além de estarem brincando sem nenhuma preocupação, não imaginam o motivo pelo qual seu amigo, Camilo, não está participando da brincadeira. Nesse momento, nos atentamos para a representação do personagem Camilo, negro, facilmente identificado na tirinha, sendo intimidado por três homens adultos brancos, na areia da praia.

A representação de Camilo acuado e cercado por três homens, segurando a bolsa fortemente “abraçada” consigo, é fundamental para entendermos o porquê da fala de Camilo: “*a bolsa é minha, sim senhor...*”. Além da tentativa de afirmação por parte de Camilo, dizendo que a bolsa é sua, há o uso da expressão “sim senhor” pela criança, que demonstra respeito e subalternidade diante da situação vivenciada por Camilo. A partir dessa fala, podemos inferir que está havendo uma intimidação, que parte dos três personagens adultos, representados na tirinha “da cintura para baixo” (que se constitui como uma característica marcante dos desenhos do cartunista Alexandre Beck) como frequentadores da praia (o que pode ser confirmado por estarem descalços e vestindo bermudas, típico de banhistas, além de um deles estar segurando uma garrafa de bebidas) em relação à Camilo (fato que torna a intimidação dos adultos mais tensa). O garoto tenta justificar que a bolsa que carrega nos braços pertence a ele, segurando-a fortemente, para que não seja dele tomada. Nesse quadrinho, a postura dos personagens adultos sugere intimidação: os três estão posicionados de forma a cercar Camilo. Podemos perceber também a sombra sob os pés dos adultos, sugestão de estarem tão próximos ao garoto e em posição superior a Camilo, ao ponto de bloquearem a luminosidade do sol sobre a criança. Dessa forma, o tópico discursivo, no segundo quadrinho, é construído pelo leitor a partir do conhecimento que possui sobre racismo e discriminação racial.

A ilustração intimidatória somada à fala de Camilo nos leva a inferir a ocorrência de um ato de preconceito racial, uma vez que está havendo um juízo baseado em um estereótipo: uma criança negra carregando uma bolsa na praia só poderia ser um caso de furto. Entendemos então a postura dos personagens do 2º quadrinho como um tópico inferível. Ao ativar nossos conhecimentos extralinguísticos, inferimos que a sociedade pratica, de forma constante, atos de preconceito racial usando dos mais diversos estereótipos. Casos de preconceito contra determinados grupos são diariamente relatados, como, por exemplo: considerar judeus avaros, homossexuais promíscuos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências

exatas.

No exemplo da figura 11, a criança negra é cercada e interrogada por adultos brancos, pois, a sociedade considera, consciente ou inconscientemente, pessoas negras como violentas, inconfiáveis e/ou suscetíveis aos mais diversos crimes (principalmente furtos e roubos). Nessa linha, seria um comportamento “normal” julgar que a bolsa que a criança negra levava consigo não fosse dela, mas sim, que teria sido furtada. Infelizmente, pessoas negras precisam provar, a todo tempo, que comportamentos cotidianos naturais realizados por elas não estão necessariamente associados a comportamentos ilegais.

Dessa forma, percebemos que o tópico discursivo, nessa tirinha, é construído colaborativamente pelo leitor, a partir dos conhecimentos partilhados que possui. Trata-se, portanto, de uma categoria que é construída pelos participantes de uma interação.

Nessa linha, atos corriqueiros, como andar pelos corredores de um supermercado, sendo perseguido por seguranças; ser abordado por policiais de forma mais enérgica, sem suspeita fundada; receber olhares de desconfiança sobre um determinado bem que traz consigo; ser acompanhado por câmeras de segurança ao passear pelo shopping; ou mesmo, ser considerado suspeito por estar parado em alguma esquina ou local pouco movimentado são cenas comuns para a comunidade negra, mas podem tornar-se até mesmo perigosas, se enxergados de forma preconceituosa. Esses tipos de preconceitos reforçam ideias racistas e adicionam mais obstáculos nas vidas de pessoas não brancas. Por isso, é importante que na luta contra o preconceito, sejam tomadas atitudes antirracistas, que prezam pela igualdade e equidade de todas as pessoas, independentemente da cor da sua pele.

Assim, procuramos resumir, no quadro 4, os aspectos linguísticos e extralinguísticos analisados na figura 11, apresentando as semioses, os elementos e os exemplos:

Quadro 4 – Aspectos analisados na figura 11



<b>SEMIOSES</b>	<b>ELEMENTOS</b>	<b>EXEMPLOS</b>
imagética	Inferenciação	Preconceito racial: observado pela intimidação dos personagens adultos a uma criança negra, que carrega uma bolsa consigo
imagética	Inferenciação	Preconceito racial: sofrida por Camilo, observado na postura da criança negra abraçada à sua bolsa, no intuito de protegê-la dos adultos
imagética	Tópico discursivo	Posicionamento dos adultos cercando e intimidando Camilo
	Ideia de oposição	Oposição entre a alegria de Armandinho e Fê, no 1º quadrinho, e o medo e preocupação de Camilo, no 2º quadrinho
verbal	Centração	Termo ‘Camilo’, no 1º e 2º quadrinho
imagética	Ilustração (cenário)	Mar, areia, montanhas ao fundo, baleia inflável e vestimentas de banhistas, indicando que a narrativa se passa em uma praia
imagética	Ilustração	Personagens adultos representados da cintura para baixo
imagética	Ilustração	Detalhe para uma garrafa de bebidas sustentada por um dos adultos, deixando a intimidação mais tensa
imagética	Ilustração	Contraste das expressões faciais das crianças brancas no 1º quadrinho (indicando alegria e euforia) com a expressão de Camilo (indicando temor)

Uma vez realizada a análise do corpus da pesquisa, apresentaremos um quadro resumitivo dos aspectos gerais analisados nas tirinhas, visando sistematizar os elementos - linguísticos e extralinguísticos - que foram apontados nas análises e que contribuíram para a análise da descrição do tópico discursivo.

Quadro 5 – Aspectos analisados no *corpus* que contribuíram para a descrição do tópico discursivo

<b>ORGANIZAÇÃO TÓPICA</b>	<b>RECURSOS/ESTRATÉGIAS</b>
Tópico Novo (TN)	Verbal
Tópico Dado (TD)	Repetição de sintagma nominal; pronominalização; repetição de representação imagética; paráfrase; elipse; inferência
Subtópico	Verbal
Progressão tópica	Repetição de sintagma nominal; repetição de representação imagética; verbal (por conjunção e advérbio de inclusão); paráfrase; por representação imagética.
Inferenciação	Por representação imagética; verbal
Centração	Verbal; Repetição de sintagma nominal
Referentes	Verbal

Fonte: Do autor (2024)

Assim, a partir dos aspectos que foram analisados no *corpus* e que contribuíram para a descrição do tópico discursivo, sintetizados no quadro 5, percebemos que a análise da organização tópica é fundamental para a unidade textual. A análise das *Tirinhas do Armandinho*, selecionadas como o *corpus* deste trabalho, revelaram que o tópico discursivo é um elemento decisivo na constituição textual, sendo a organização discursiva conduzida pela sua estrutura. Percebemos que foi possível identificar os principais recursos e as principais

estratégias de construção textual - repetições, paráfrases, pronominalização, uso de sintagmas definidos, repetições imagéticas, etc. - para a organização tópica, atingindo, assim, o objetivo geral traçado para este trabalho: descrever as estratégias utilizadas para a construção dos tópicos discursivos nas tirinhas do Armandinho, a partir dos pressupostos teóricos funcionalistas.

Nessa linha, algumas categorias foram destacadas: o Tópico Novo (TN), que diz respeito à entidade apresentada pela primeira vez no discurso, está representado no *corpus* pela semiose verbal (por meio de termos); o Tópico Dado (TD), que é assim considerado, quando a entidade em questão já tenha sido introduzida no discurso, no texto ou na memória, está representado no *corpus* pelas estratégias/recursos de repetição de sintagma nominal, de pronominalização, de repetição de representação imagética, de paráfrase, de elipse e também nas inferências. Já o Subtópico (Subtop), que é entendido quando se continua a falar, não somente de um tópico que já tenha sido introduzido no discurso, mas também, de outras entidades inferíveis dele como disponíveis para o ouvinte, é também representado no *corpus* pela semiose verbal (por meio de termos). Essa análise nos permitiu compreender a noção de tópico discursivo e categorizar os tópicos discursivos presentes no *corpus*, objetivos específicos deste trabalho.

Há ainda outras categorias, como a Progressão Tópica, que é a forma como os tópicos e subtópicos discursivos progredem e sustentam a coerência do discurso no texto. No *corpus*, a progressão tópica está representada pela repetição de sintagma nominal, pela repetição de representação imagética, pelas semioses verbais (representadas por conjunção e advérbio de inclusão), pela paráfrase e pela representação imagética. A Inferenciação, categoria que pode ser entendida como um processo cognitivo de construção de significados, consequência, na leitura, da integração da informação textual e do conhecimento prévio, é representado no *corpus*, tanto pela representação imagética, quanto pela representação verbal. Cabe dizer que a inferenciação é essencial para o entendimento da narrativa desenvolvida nas tirinhas, permitindo, principalmente, analisar como se manifesta o racismo, pela abordagem funcionalista, um dos objetivos específicos deste trabalho. Há ainda a Centração, que diz respeito ao conteúdo, destacando a referencialidade textual, podendo delinear o que se entende por assunto ou tema, e é representada no *corpus* pela semiose verbal e pela repetição de sintagma nominal. E, por fim, os Referentes, que são, no *corpus*, representados por semioses verbais, ou seja, representados por termos que constituem entidades do universo discursivo sobre o qual se fala, que cria e relaciona o que entra na elaboração da informação proposta pelo texto. Além disso, há ainda uma relação entre tópico discursivo e referenciação, tendo os tópicos e subtópicos discursivos progredido e sustentado a coerência do discurso no texto.

Concluimos, assim, que o processo de construção do tópico discursivo no gênero tirinha pode ser realizado por meio da análise de variados elementos linguísticos e extralinguísticos, sendo que, a organização tópica, ponto central desta análise, é representada por diferentes recursos e estratégias, uma vez que o gênero tirinha é multimodal por natureza, apresentando semioses verbais e semioses não verbais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a descrever o tópico discursivo nas tirinhas do *Armandinho*, do quadrinista brasileiro Alexandre Beck, seguindo os pressupostos teóricos funcionalistas, a partir da seguinte questão: como são construídos os tópicos discursivos nas tirinhas do *Armandinho*? Tal questionamento surgiu do interesse em analisar o tópico discursivo em textos que congregam várias semioses, como é o caso das tirinhas.

Este trabalho buscou, como objetivo geral, descrever as estratégias utilizadas para a construção dos tópicos discursivos nas tirinhas do *Armandinho*, a partir dos pressupostos teóricos funcionalistas. Como objetivos específicos, o trabalho pretendeu: (i) compreender a noção de tópico discursivo; (ii) categorizar os tópicos discursivos presentes no *corpus* analisado e (iii) analisar como se manifesta o racismo, pela abordagem funcionalista, tomando o personagem Camilo como motivador do discurso sobre temas ligados à raça.

Em um primeiro momento, ao apresentar o Funcionalismo como uma corrente linguística, que se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas, tencionamos mostrar o quanto importante para esse estudo foram as teorias funcionalistas, pois, permitiram que realizássemos o estudo do tópico discursivo e que o associássemos às temáticas sociais ligadas à raça negra. E essa associação se fez possível, uma vez que a língua, ao sofrer constantes pressões sociais, é, por essas pressões, fortemente envolvida, o que caracteriza o Funcionalismo. Dessa maneira, cientes de que o trabalho a que nos dispusemos realizar, não alcançaria, somente pelo viés linguístico, a carga de importância social que procuramos atingir, encontramos suporte na teoria funcionalista, que se mostrou capaz de unir a questão linguística e a questão social, enraizadas e manifestadas no gênero tirinha, de forma harmônica, para que pudessem ser analisadas.

Ficou evidenciado, também, que o assunto ‘tópico discursivo’, tratado como um dos temas centrais deste trabalho, apresenta-se como uma categoria analítica abstrata, capaz de recortar segmentos textuais e descrever a organização tópica de um texto. Nessa linha, o tópico, analisado no gênero textual tirinha, mostrou ser capaz de manter a continuidade e a coerência das narrativas e prender o leitor ao assunto proposto, permitindo a progressão temática, sem que houvesse rupturas ou interrupções bruscas entre um quadrinho e outro das tirinhas.

Na análise, procuramos classificar os tópicos de acordo com a entidade de uma dada situação. Nessa linha, procuramos distinguir os tópicos em: Tópico Novo (TN), quando dizia

respeito à entidade apresentada pela primeira vez no discurso; em Tópico Dado (TD), quando a entidade em questão já tinha sido introduzida no discurso, no texto ou na memória; em Subtópico (Subtop), quando se continuava a falar não somente de um tópico que já tivesse sido introduzido no discurso, mas, também, de outras entidades inferíveis dele como disponíveis para o ouvinte e em Tópico Retomado (TR), que, apesar de não ter sido exemplificado nas análises do *corpus*, ocorre quando o Tópico Dado que, não tiver sido mencionado por um certo tempo, é reativado e restabelecido como Tópico Dado. Assim, o tópico mostrou ser um organizador do discurso capaz de manter a unidade de sentido de forma hierárquica e sequencial.

Pudemos constatar, ainda, que o tópico discursivo é construído colaborativamente pelos participantes da interação. Nessa linha, destacamos a produção das inferências, que apresentaram relação direta com a compreensão textual, por permitirem que informações não dadas, combinadas com os conhecimentos de mundo do leitor, contribuíssem para facilitar o entendimento dos textos analisados. As inferências foram de grande importância para este estudo por permitirem que o leitor conseguisse compreender a mensagem transmitida nas tirinhas, ativando seus conhecimentos. Outro elemento que colaborou na construção dos tópicos discursivos foi o princípio da centração. A centração mostrou-se importante no auxílio à identificação do tópico, uma vez que todos os segmentos de um texto convergem em direção ao tópico discursivo.

Além disso, podemos demonstrar que, na análise do *corpus*, outras estratégias foram utilizadas na construção do tópico discursivo, como a repetição, a paráfrase, a pronominalização, entre outras, que garantiram a centração tópica, a progressão e a unidade textual. Esse fato pode ser comprovado a partir das conclusões que chegamos, ao identificarmos algumas peculiaridades das tirinhas analisadas.

Na análise da primeira tirinha, intitulada ‘Nota fiscal’, destacamos o uso da estratégia da repetição, que foi observada não somente na semiose verbal, a partir do termo ‘nota fiscal’, mas também, na semiose imagética, por meio das ilustrações das bicicletas e do uniforme do policial, por exemplo. Outra comprovação ocorre na segunda tirinha analisada, intitulada ‘A terceirização’, na qual destacamos a estratégia da paráfrase, que manteve a continuidade temática, que pode ser entendida como subtópico (Subtop), sendo ‘terceirização’ um Tópico Novo (TN) e ‘mão de obra’ e ‘pessoas que trabalham’ como Subtópicos dentro do tópico da ‘terceirização’. E, ainda, na quarta e última tirinha analisada nesse *corpus*, ocorreu uma análise diferenciada das outras tirinhas, pois, percebemos que não havia na tirinha, em momento algum, qualquer elemento, semiose ou escrita verbal que possibilitasse, claramente, inferir o tópico.

No entanto, pela própria disposição e construção da tirinha, formada por dois quadrinhos apenas, pudemos observar a ideia de oposição criada pelo autor: enquanto que, no primeiro quadrinho, houve a apresentação das crianças brincando e se divertindo no mar, no segundo, houve a apresentação de uma situação na qual foi evidenciada a manifestação de preconceito racial. Percebemos, assim, que, para que houvesse a compreensão da tirinha, o leitor precisou usar a estratégia da inferência, na qual ocorreu a ativação dos seus conhecimentos de mundo. Concluimos, pois, que o tópico discursivo, nessa tirinha, foi construído colaborativamente pelo leitor, a partir dos conhecimentos partilhados que ele possui. Trata-se, portanto, de uma categoria que é construída pelos participantes de uma interação.

Percebemos, portanto, que foi possível identificar as estratégias de construção textual no gênero tirinha, não somente por meio da semiose verbal, mas, também, por meio de outras semioses, que colaboraram para a construção do tópico discursivo.

Por tudo isso, as tirinhas mostraram ser um importante material para este estudo, pois, além de ser um gênero agradável, de fácil leitura e dotado de humor, percebemos, ao analisarmos esse gênero textual, que se tratava de um gênero estreitamente relacionado com temáticas político-sociais, que propiciou despertar no leitor a necessidade por refletir acerca de temas importantes do nosso cotidiano.

Além disso, o estudo do tópico discursivo presente nas tirinhas do Armandinho, realizado por meio de uma abordagem funcionalista, proporcionou relacionar o estudo da linguagem com questões sociais ligadas ao racismo. O fato de associarmos as questões raciais ao estudo do tópico discursivo no gênero tirinha, além de ser uma forma de conceber a linguagem como instrumento de interação social, procurou manter viva a discussão sobre as temáticas, racismo, preconceito racial e discriminação racial, apresentando esses temas como um grave problema a ser combatido na sociedade. A abordagem a essas temáticas se fez importante, pois, entendemos que os trabalhos acadêmicos deveriam também abordar os assuntos sobre racismo, sempre que for conveniente, para que possíveis práticas racistas, tidas como “normais” no meio social, não sejam facilmente reproduzidas.

Na realização deste trabalho, percebemos, no entanto, que são poucas as pesquisas acadêmicas, na linha de pesquisa relacionada ao estudo analítico-descritivo da língua e da linguagem, que abordam questões temáticas ligadas à raça. Percebemos também que há pouquíssimos trabalhos acadêmicos que tratam sobre o tema ‘tópico discursivo’, tendo como material de análise o gênero textual tirinha, uma vez que, a maioria dos trabalhos já desenvolvidos, que pesquisaram sobre o tema ‘tópico discursivo’, utilizaram como *corpus*, discursos orais dialogados.

Dito isso, acreditamos que os resultados advindos desta pesquisa poderão contribuir com os estudos linguísticos e multissemióticos. Acreditamos também que este estudo possa reforçar a relação existente entre linguagem e sociedade, principalmente ao abordar temas atuais e de profunda relevância, como o racismo, a discriminação e o preconceito racial. Dessa forma, esperamos que reflexões desta categoria estejam cada vez mais constantes e presentes, seja em trabalhos desenvolvidos em programas de pós-graduações, nos cursos de graduações ou até mesmo nas instituições de ensino médio, visando despertar nos professores e alunos destes centros de ensino, uma visão realista e provocando a adoção de uma postura participativa no enfrentamento às diversas faces do racismo e da discriminação racial.

Esperamos, assim, poder contribuir para a ampliação de pesquisas sobre tópico discursivo, realizadas no gênero textual ‘tirinha’ e, esperamos também, que estudos sobre esse tema sejam cada vez mais usados nas salas de aulas. Além disso, ao analisar o gênero tirinha, entendemos que ele poderá contribuir para as pesquisas em Linguística Aplicada, no campo de produção de materiais didáticos, uma vez que a temática ‘racismo’ pode ser abordada de forma interdisciplinar e serve como ponto de partida para discussões promovidas nas escolas e nos centros de ensino, buscando conhecer, entender, enxergar e, quem sabe, reduzir as diversas manifestações discriminatórias e preconceituosas, relacionadas à raça negra, presentes na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- BECK, Alexandre. Tirinhas do Armandinho. Armandinho – **tirasbeck.blogspot.com**, 2022. Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/>>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- BORTOLO, Silvio Elias. In: PEZATTI (org.) **Pesquisas em gramática Funcional**: descrição do Português. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Situando o funcionalismo**: Transitividade e seus contextos de uso. São Paulo: Cortez, 2011.
- CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.
- CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org). **Manual deLinguística**. 2.ed., 7. reimp. São Paulo: Contexto, 2020, p. 157-176.
- DIK, C. S. Seven teen sentences: basic principles and aplication of function grammar. In: MORAVCSIK, E., WIRTH, J. R. (Ed.) **Syntax and semantics 13**: Current approaches to syntax. London/New York: Academic Press, 1980a.
- DIK, C. S. Some principles of function al grammar. In: DIRVEN, R., FRIED, V.(Ed.) **Functionalism in linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 81-100.
- DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar I** . Dordrecht: Foris Publication, 1989.
- DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar II**. New York: Mouton, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K. *et al.* **Linguistic sciences and language teaching**. London: Longman, 1964.
- JUBRAN, C. C. A. S. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp, [1992] 2002, v. 2, p. 341-428.
- JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a, vol. 1, p. 301-357.
- JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, 2006b, v. 48, n. 1, p. 33-41.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006c, vol. 1. Construção do texto falado, p. 89-132.

KENEDY, E.; MARTELOTTA, M.E.T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v. 1, p. 17-28.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2018.

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.

KRESS, G. **Writing the future: English and the Making of a Culture of Innovation**, 1995.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. Ed. Nova York: Routledge, 2006.

MACEDO, A. V. T. **Funcionalismo**. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, 1998, v. 1, n. 2, p. 71-88.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 69-70.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: Dionísio, A. P. & Bezerra, M. A. (orgs.) **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. V. Estratégias de Referenciação e Progressão Referencial na Língua Falada. In **Gramática do Português Falado**, (orgs) ABAURRE, M. B. e RODRIGUES, A.C. S., Campinas, SP.: UNICAMP, 2002, v. 8.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S. & KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. vol. 1.

MONDADA, L. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir. Approche linguistique de La construction des objets de discours*. Lausanne, 1994.

NEVES, E. B.; DOMINGUES, C. A. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.

NEVES, M. H. de M. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto**. São Paulo: Contexto, 2010, 286p.

NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAIVA, V. L. M. de O e. O Que é Pesquisa. *In*: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019, p. 1-35.

RAMOS, Paulo Eduardo. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RAMOS, Paulo Eduardo. **Tira ou tirinha? Um gênero com nome relativamente instável**. Estudos Linguísticos. São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1281-1291, set./dez. 2013. Disponível em:

<<https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/view/931#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%20o%20termo%20costuma,tema%20no%20campo%20da%20Lingu%C3%ADstica>> Acesso em: 12 abr. 2023.